



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**FÁBIA BEZERRA RIBEIRO**

**GÊNERO NA ESCOLA:  
UMA PAUTA NECESSÁRIA E UM DESAFIO NA FORMAÇÃO DE  
ALUNAS E ALUNOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS  
SOCIAIS DO CDSA / UFCG**

**SUMÉ - PB  
2017**

**FÁBIA BEZERRA RIBEIRO**

**GÊNERO NA ESCOLA:  
UMA PAUTA NECESSÁRIA E UM DESAFIO NA FORMAÇÃO DE  
ALUNAS E ALUNOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS  
SOCIAIS DO CDSA / UFCG**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura em Ciências Sociais do  
Centro de Desenvolvimento  
Sustentável do Semiárido da  
Universidade Federal de Campina  
Grande, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciada em  
Ciências Sociais.**

**Orientador: Professor Dr. Isaac Alexandre da Silva.  
Co-orientador: Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.**

**SUMÉ - PB  
2017**

R484g Ribeiro, Fábيا Bezerra.

Gênero na escola : uma pauta necessária e um desafio na formação de alunas e alunos do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do CDSA / UFCG . / Fábيا Bezerra Ribeiro. Sumé - PB: [s.n], 2017.

81 f.

Orientador: Professor Dr. Isaac Alexandre da Silva. Co-orientador: Valdonilson Barbosa dos Santos.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Gênero e escola. 2. Questão de gênero e formação superior. 3. Diversidade . I. Título.

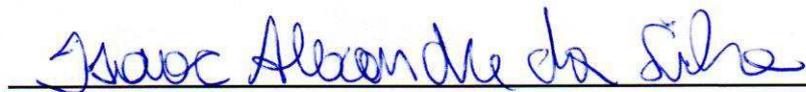
CDU: 305(043.1)

# FÁBIA BEZERRA RIBEIRO

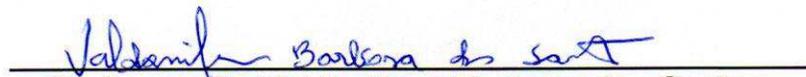
## GÊNERO NA ESCOLA: UMA PAUTA NECESSÁRIA E UM DESAFIO NA FORMAÇÃO DE ALUNAS E ALUNOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS DO CDSA / UFCG

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

### BANCA EXAMINADORA:



Professor Dr. Isaac Alexandre da Silva.  
Orientador – UAEDUC/CDSA/UFCG



Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.  
Co-orientador - UACIS/CDSA/UFCG



Professora Ma. Carla Mailde Feitosa Santa Cruz.  
Servidora Técnica - CDSA/UFCG  
Examinadora

Trabalho aprovado em 21 de setembro de 2017.

SUMÉ - PB

A minha avó Rita (in memoriam), por tudo o que ela fez por mim. Jesus não permitiu que você estivesse ao meu lado durante a realização desse sonho, ele te levou há alguns meses antes da minha entrada na Universidade, mas sei que onde você estiver vai estar torcendo por mim, a você o meu muito obrigada, te amo vó. Por todo amor que a mim dedica se. **Dedico.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar saúde e força para poder prosseguir nessa caminhada e terminar o meu curso. Segundo, ao meu pai por ter enfrentado essa caminhada todos os dias comigo, trazendo-me todas as noites no ponto da van e vindo me buscar, com sua paciência, amor, dedicação e muito sono (risos).

Aos meus familiares que sempre me deram força para continuar os estudos, a minha prima Adelina, as tias Lusía, Dulce e Ana, que sempre me incentivaram, e, em especial, aos meus irmãos/ãs, Joelma, Gilson, Karla e a Joelson, o qual fez a minha inscrição no ENEM, escolhendo esse curso para mim. O meu muito obrigada!

Ao meu namorado Janailson, que esteve comigo desde o início, obrigada pela sua compreensão, companheirismo, paciência, durante a realização desse sonho.

Agradeço a minha amiga Keli e toda sua família, Talita, Kauan, Bebe, que sempre me acolheram principalmente nos três primeiros meses, e a sua irmã Selma que tanto me ajudou no início da minha vida acadêmica, o meu muito obrigada a todos vocês!

À CAPES, por ter me proporcionado uma bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência - PIBID, com duração de dois anos e quatro meses e muito aprendizado. A todos que fazem parte da Escola Estadual Manoel Alves Campos, pela hospitalidade durante o tempo de atuação na mesma.

À Professora de Sociologia, Ana Marcela Jordão Pereira, supervisora do PIBID Congo e ao Coordenador Roserval de Almeida Souza e aos meus colegas pibidianos Denis, Maria, Samara, Messias, Diones, Natália e Adriana pelo companheirismo e dedicação.

A todos os meus Professores da UFCG, Valdonilson, Isaac Alexandre, Paulo Diniz, Luciana, Sheylla, Vilma, Idel, Wallace, Roserval, Júnia, José Maria, Kelly, Almir, Marcela etc. A todos vocês, o meu muito obrigada!

Aos meus amigos da Universidade, Joyce, Fátima, Fabíola, Madalena Lima, Maria, Diones, Fernanda, Denis, Samara, Messias, Herondina, Eduardo, Ytalo, Mirtes, Roni, Rayane, Augusto etc. Enfim, a todos/as meus amigxs obrigadx, pelo companheirismo e amizade. Só tenho a agradecer a Deus por ter colocado na minha vida pessoas tão especiais como vocês.

Agradeço a minha madrinha, Andreia, e toda sua família por tudo que você fez por mim, durante essa caminhada acadêmica me incentivando e me apoiando nos momentos difíceis.

Às minhas primeiras professoras, Ivaldete e dona Maria, que fizeram parte da minha formação inicial, o meu muito obrigada, por ter me ensinado a ler e escrever, assim como a todos os professores que fizeram parte da minha caminhada escolar.

E por fim, ao meu querido Orientador Isaac Alexandre da Silva, e ao meu Co - Orientador Valdonilson Barbosa dos Santos, pela paciência e dedicação durante a realização deste sonho.

A todos vocês, o meu sincero muito obrigada!

*'Amar o outro não constitui uma obrigação, mesmo porque o amor não nasce da imposição. Respeitar o outro, sim, constitui um dever do cidadão, seja este outro mulher, negro, pobre'. (SAFFIOTI, 1995, p.85)*

## RESUMO

A desigualdade de gênero é um fenômeno ainda presente na sociedade contemporânea, apesar das lutas históricas dos movimentos feministas que vem se desenvolvendo desde o início no século XIX. Embora algumas conquistas importantes tenham sido alcançadas e paradigmas hegemônicos tenham sido questionados, a desigualdade entre homens e mulheres precisa ser tomada como objeto de discussão e ser enfrentada nos vários espaços da sociedade. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo analisar como a temática da desigualdade de gênero é concebida pelas alunas e alunos do 8º período do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do CDSA/UFCG, tendo em vista captar alguns sinais que possam evidenciar a contribuição deste curso nas questões relacionadas à temática tratada nesta monografia. Para isso, optou-se pela pesquisa exploratória de caráter qualitativo, com a utilização da técnica de entrevista semiaberta, envolvendo três (03) pessoas, sendo uma do sexo masculino e duas do feminino, que vivenciaram algumas experiências relacionadas ao tema analisado. Os resultados dessa pesquisa mostraram que a temática de gênero é um conteúdo de interesse das pessoas entrevistadas e que as mesmas se posicionam criticamente com relação às questões de gênero. Quanto à formação que é desenvolvida no curso de Ciências Sociais, vimos que ela oportuniza aos educandos e educandos algumas experiências importantes relacionadas à questão de gênero, principalmente nos projetos e nos grupos de estudos e pesquisa. Nesse sentido é importante dizer que todas as pessoas entrevistadas participaram desses espaços formativos e, além disso, têm colocado em prática na sala de aula as aprendizagens construídas no decorrer dessas experiências formativas. Enquanto campo disciplinar do curso, vimos como limite o fato de o curso oferecer a disciplina de gênero apenas como optativa, o que quer dizer que nem todo alunado vai cursá-la.

**Palavras - chave:** Gênero. Escola. Diversidade.

## **ABSTRACT**

Gender inequality is a phenomenon still present in contemporary society, despite the historical struggles of the feminist movements that have been developing since the beginning of the nineteenth century. Although some important achievements have been achieved and hegemonic paradigms have been questioned, inequality between men and women must be taken as an object of discussion and be addressed in the various spaces of society. In this sense, this paper aims to analyze how gender inequality is conceived by the students and students of the 8th period of the Degree in Social Sciences of the CDSA / UFCG, in order to capture some signs that may highlight the contribution of this course in the issues related to the theme dealt with in this monograph. For this, the exploratory research of a qualitative nature was chosen, using a semi-open interview technique, involving three (03) people, one male and two female, who experienced some experiences related to the subject analyzed. The results of this research showed that the gender theme is a content of interest to the people interviewed and that they are critically positioned in relation to gender issues. As for the training that is developed in the course of Social Sciences, we have seen that it gives students and learners some important experiences related to the gender issue, especially in the projects and in the study and research groups. In this sense, it is important to say that all the people interviewed participated in these formative spaces and, in addition, have put into practice in the classroom the learning built during these formative experiences. As a disciplinary field of the course, we have seen as limiting the fact that the course, offers the discipline of gender only as an option, which means that not all students will attend it.

**Key words:** Gender. School. Diversity

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 GÊNERO E A DESIGUALDADE SOCIAL ENTRE MULHERES E HOMENS NO BRASIL NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL.....</b>	<b>14</b>
2.1 A emergência do conceito de gênero no contexto da diversidade cultural.....	14
2.2 A desigualdade social entre mulheres e homens no Brasil.....	19
2.3 Gênero na escola.....	21
2.4 A violência de gênero e violência contra a mulher.....	30
2.5 As mulheres ocupando os âmbitos escolares.....	36
2.6 Gênero e diversidade na escola.....	39
<b>3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS DO CDSA/UFCG: GÊNERO EM DISCUSSÃO.....</b>	<b>48</b>
3.1 Abordagem metodológica.....	48
3.2 Sujeitos da pesquisa.....	49
3.3 Gênero: uma pauta indispensável na formação profissional do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.....	60
3.4 O desafio das práticas pedagógicas para uma educação que problematize as desigualdades e questione preconceitos.....	65
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>71</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>73</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>76</b>
<b>APÊNDICE A - Roteiro para condução de entrevista.....</b>	<b>77</b>
<b>APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido.....</b>	<b>80</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A escola é um espaço privilegiado de formação humana, por meio do qual se constroem conhecimentos acerca de variados conteúdos, conforme as necessidades sociais, culturais e políticas que vão se colocando no decorrer de seu desenvolvimento. Nesse sentido, é um espaço disputado, haja vista os interesses antagônicos existentes na sociedade.

Para os setores da sociedade que defendem uma perspectiva política democrática e participativa, fundamentada no princípio da igualdade e no reconhecimento das diferenças, a escola deve ser um espaço no qual prevaleça a formação do espírito crítico, da pessoa cidadã, consciente de seus direitos e deveres.

Historicamente, no ocidente, as relações de gênero foram orientadas por uma perspectiva patriarcal, na qual o homem foi condicionado a desempenhar um papel de provedor, ocupando o espaço público e a mulher foi relegada ao espaço doméstico, submetendo-se à vontade do homem e muitas vezes sendo submetida a condições de violência doméstica.

Esse tipo de concepção foi sendo questionado no decorrer dos tempos e novas visões foram sendo construídas, gerando novos olhares. Foi se percebendo que as relações de gênero são relações construídas nos processos históricos vivenciados, a mulher passou a ser vista a partir de outras perspectivas. Mas, é bom lembrar que a perspectiva patriarcal ainda continua com muito vigor, mantendo ainda a desigualdade de gênero, na qual as mulheres são inferiorizadas. São necessários processos de ensino e aprendizagem que possam contribuir para transformar essa realidade, de forma que o preconceito e a desigualdade de gênero sejam enfrentados com mais intensidade.

A escola assume um papel importante nesse panorama, podendo, por um lado, se omitir diante dessa problemática, ou seja, deixar de discutir e problematizar as desigualdades de gênero e a diversidade, reproduzindo, assim, todas essas desigualdades; assim como, pode desconstruir, mostrar que essa realidade é perversa e que a mulher pode frequentar os mesmos espaços que os homens, exercer as mesmas atividades que os homens e principalmente receber o mesmo valor que os homens na mesma atividade, e mostrar que a diversidade está na

sociedade para ser respeitada e principalmente que possam ser garantidos os seus direitos a vida, liberdade de ir e vir e fazer suas escolhas assim como desejar.

Considerando todas essas questões, assim como a trajetória formativa do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do CDSA/UFCG, do qual faço parte, interessou-nos saber sobre a contribuição que este curso proporciona com relação às questões de gênero, uma vez que o espaço escolar será um campo privilegiado de atuação profissional, assim como de oportunidade de se problematizar as questões de gênero.

Diante disso, esse trabalho monográfico teve como objetivo analisar como a temática da desigualdade de gênero é concebida pelas alunas e alunos do 8º período do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do CDSA/UFCG, tendo em vista captar alguns sinais que possam evidenciar a contribuição deste curso nas questões relacionadas à temática tratada nesta monografia. Nessa direção, o ambiente escolar foi considerado também como base de reflexão, uma vez que é um espaço privilegiado na formação ofertada neste curso.

E por falar neste espaço, partimos da ideia de que a escola não deve se omitir com relação às questões relacionadas à temática de gênero, assim como reproduzir preconceitos, mas deve criar condições e mostrar que as mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens, trabalharem fora de casa, receber o mesmo salário que os homens na mesma atividade, frequentarem os mesmos lugares etc. Da mesma forma, deve ocorrer com a diversidade no qual as pessoas devem valorizá-la e não se omitir diante da mesma ou desrespeitá-la por suas diferenças. É importante que as práticas educativas relacionadas não se limitem aos fatores biológicos, considerando que a questão envolve outras dimensões.

Por isso, um dos aspectos que me fizeram escolher essa temática foi por não me encaixar nesse padrão que foi tão cobrado pela sociedade e que ainda hoje existe resquícios dessa sociedade patriarcal. Partindo do ponto de que não é porque eu sou mulher que eu sou obrigada a cozinhar, lavar e passar roupas, mas que eu devo fazer, sim, se isso for por minha própria vontade e não pelo fato de ter nascido mulher. Compreendo que isso é uma atividade dos homens também, levando em conta que muitas mulheres trabalham fora de casa e que todas as atividades devem ser compartilhadas com o companheiro, assim como o cuidado com os filhos. São diferenças de gênero que foram construídas ao longo do tempo e que precisam ser questionadas.

Da mesma forma ocorre com o futebol, brincadeira que há muito tempo foi considerada atividades para homens, mas que hoje existe certa flexibilidade que permitem as mulheres participar. Mas, por outro lado, enquanto jogadora de futebol posso afirmar que as mulheres ainda sofrem muito preconceito por parte de alguns homens, um dos fatos que me chamou muita atenção foi em um torneio de futebol masculino, quando um homem que estava ao meu lado foi fazer uma crítica à organização do torneio e disse a seguinte frase “cadê as bolas desse jogo? Isso é uma vergonha! Até no torneio de Maria, domingo, tinha cinco bolas...” O preconceito é nítido nas palavras desse homem, que se referiu ao futebol feminino de forma preconceituosa como se o futebol feminino fosse um mero passa tempo sem importância, enquanto que o futebol masculino fosse algo sério, profissional, e que a organização do futebol masculino deveria estar acima do futebol feminino.

Apesar do ingresso cada vez maior das mulheres no futebol ou qualquer outra atividade que foi considerada atividade masculina há uma aceitação por parte de algumas pessoas, mas por outro lado, ainda há preconceito por parte de algumas pessoas que acham que as mulheres não tem a mesma capacidade que os homens para exercer uma atividade que foi considerada masculina.

A própria formação acadêmica foi uma motivação para a escolha da temática em questão, ou seja, através dos debates na disciplina de gênero ministrada inicialmente pelo Professor Valdonilson Barbosa dos Santos (CDSA/UFCG) e depois pela Professora Luciana Ribeiro, também do (CDSA/UFCG), que me trouxeram uma carga maior de conhecimento, aumentando ainda mais meu interesse em estudar as diferenças de gênero, assim como a diversidade. E como futura professora, buscarei desconstruir as desigualdades de gênero dentro da escola, a começar pelos alunos que são sujeitos importantes para a transformação da nossa sociedade.

Considerando tudo isso, acreditamos que um estudo desta natureza é necessário para se evidenciar e enfrentar os preconceitos vivenciados na sociedade, particularmente dentro da própria escola, que é um lugar para se valorizar as diferenças, problematizar as relações de gêneros historicamente determinadas, e para sensibilizar a comunidade escolar, no sentido de superar as ações que discriminam ou anulam a diversidade. A reflexão sobre o papel da escola acerca da problemática em foco pode oportunizar aos alunos o acesso a um conjunto de conhecimentos que lhes ajudem a vivenciar a cidadania de forma ativa, respeitando a diversidade e desconstruindo o preconceito de gênero.

Dessa forma, como futura professora, firmarei o compromisso de buscar desconstruir os preconceitos e discriminações existentes entre homens e mulheres, chamando a atenção para o fato de que estes podem desenvolver as mesmas atividades sem que isso interfira na sua identidade. Da mesma forma, mostrar que a diversidade está na sociedade assim como dentro da escola para ser respeitada e não para ser anulada ou ser discriminada nos espaços escolares, assim como na sociedade, e dessa forma contribuir para a construção de um país mais justo e sem desigualdades.

## **2 GÊNERO E A DESIGUALDADE SOCIAL ENTRE MULHERES E HOMENS NO BRASIL NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL**

Neste capítulo, abordamos a temática da diversidade cultural, dando um destaque especial à questão de gênero. Para isso, partimos do pressuposto de que a discussão a respeito deste conceito é fundamental para (re) pensar e transformar as relações assimétricas de poder entre homens e mulheres, reconhecendo na escola as possibilidades de emancipação.

### **2.1 A emergência do conceito de gênero no contexto da diversidade cultural**

As discussões sobre a questão de gênero é uma iniciativa que vem crescendo com vigor nos vários setores da sociedade, gerando alguns resultados positivos, como apontamos no decorrer desse trabalho.

Pra início desta discussão, é importante dizer que a questão de gênero é concebida aqui no contexto da diversidade cultural, onde as liberdades de expressão devam ser garantidas, de modo que seja possível a coexistência dos diversos grupos presentes na sociedade.

A diversidade é uma característica dos seres humanos e

É entendida em termos de atributos óbvios – diferenças de idade, raça, etnia, gênero, capacidade física, orientação sexual, religião e idioma – e, também, em termos de experiência ou situação profissional, valores e cultura, classe social, local de residência, estado civil, credo, e experiências de vida. Na realidade social, a diversidade possui múltiplas dimensões: internas (visíveis ou invisíveis), externas e institucionais. (DIGIOVANNI, AMARAL, et, al 2010, p. 80)

No campo das políticas educacionais, o reconhecimento e valorização da diversidade cultural aparecem como uma necessidade nos documentos oficiais, demonstrando, assim, a sua importância nos processos de emancipação humana. Sendo assim, diversidade cultural aparece dentro da escola, porém não é debatida e nem valorizada dando espaço ao preconceito e conseqüentemente contribuindo para a desigualdade na escola, assim como na sociedade.

Nesse contexto, espera-se que a escola possa contribuir com a transformação dessa realidade e que,

[...] uma prática educativa de enfrentamento das desigualdades e valorização da diversidade vá além, seja capaz de promover diálogos, a convivência e o engajamento na promoção da igualdade. Não se trata, simplesmente, de desenvolver metodologias para trabalhar a diversidade e tampouco com “os diversos”. É, antes de tudo, rever as relações que se dão no ambiente escolar na perspectiva do respeito à diversidade e de construção da igualdade, contribuindo para a superação das assimetrias nas relações entre homens e mulheres, entre negros/as e brancos/as, entre brancos/as e indígenas entre homossexuais e heterossexuais e para a qualidade da educação para todos e todas. (BRASIL, 2009, p. 34)

Situar a questão de gênero nesse campo da diversidade cultural é importante, pois permite enxergar a realidade social com mais criticidade, gerando um novo olhar sobre as representações e as práticas que se desenvolvem em torno do que se convencionou chamar de universo masculino e universo feminino.

De acordo com Lima (2012, p. 02), “Quando nascemos já somos inseridos em um contexto pré-determinado pela identidade cultural ao grupo que fazemos parte”, no qual devemos conviver com as demais pessoas de forma harmoniosa respeitando principalmente a diversidade. Mas, na verdade não é isso que acontece, quer dizer, vivemos em um planeta em que tomamos a nossa cultura, o nosso grupo como sendo um modelo padrão a ser seguido e os diferentes dos nossos como errados chamados de etnocentrismo.

O etnocentrismo consiste em julgar, a partir de padrões culturais próprios, como “certo” ou “errado”, “feio” ou “bonito”, “normal” ou “anormal” os comportamentos e as formas de ver o mundo dos outros povos, desqualificando suas práticas e até negando sua humanidade. (BRASIL, 2009, p.24).

Nessa mesma direção, “[...] conviver em sociedade com tantas diferenças quer seja de gênero, de linguagem, de raça e etnia, dentre outras, acaba gerando determinados tipos de discriminação e preconceitos” (LIMA, 2012, p.03). Tomando como ilustração a temática da diversidade sexual na escola, Camargo e Ribeiro (2003) citado por Rossi, Vilaronga, et al, (2012, p. 10) destacam que a escola vê nesta temática

[...] “algo inapropriado, para os/as educandos/as, alguns educadores/as e também familiares, que consideram que a discussão dessa temática na escola estimularia precocemente a descoberta da sexualidade em crianças e adolescentes”.

A escola como um espaço de diversidade, precisa debater essa temática e mostrar que essa diversidade existe há muitos anos na sociedade, e precisa ser respeitado e valorizado cada uma de acordo com suas diferenças. Da mesma forma, deve acontecer com a igualdade, ser diferente não quer dizer desigual, a igualdade e o respeito devem ser prevaletidos na diversidade (etnia, raça, gênero, sexualidade, religiosidade...) tanto na escola como na sociedade.

Essa problemática vai ao encontro das ideias expostas por Foucault (1988), nas quais o autor defende que, desde o século 19, apenas algumas pessoas são autorizadas a falar da sexualidade, sempre com uma abordagem que é permeada por um discurso normatizante da sexualidade. Assim, a Igreja ao falar do tema exigia sua confissão, tratando-o como pecado ou desvio à norma; a Medicina tratava a sexualidade também pelo viés dos desvios, considerando suas diferentes práticas como doenças; a Justiça, por sua vez, punia os desvios de conduta da norma como crime, e a Pedagogia, contribuía com práticas e métodos que visavam ao disciplinamento dos corpos na escola (ROSSI, VILARONGA, et. al. 2012, p. 10).

Percebe-se que há muito tempo a temática em foco foi discriminada, reprimida tanto pela justiça, igreja e pela própria escola como se fosse possível diante de tanta diversidade ser abafada. Por isso, é de suma importância ressaltar que professores preconceituosos vão ter alunos preconceituosos, provavelmente, e “[...] professores inclusivos terão alunos que reconhecem na diversidade o significado de ser humano”(SANTOS, 2008, P.17).

Considerando o segmento LGBTs, (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais...), podemos perceber avanços, se compararmos há anos atrás, como por exemplo,

[...] deixaram de ser consideradas doenças as manifestações de orientação sexual e identidade de gênero; a instituição do casamento entre pessoas do mesmo sexo; o direito de adoções por casais LGBT; a criação do Plano Nacional da Cidadania e do Direitos Humanos LGBT. (BRASIL, 2015, P.14)

Graças ao movimento LGBT, podemos ver avanços significativos, embora tenha sido apenas o começo, pois, muito desafio ainda tem por vir, como por exemplo: a tolerância e o respeito por essa diversidade.

Quanto à diversidade religiosa,

A escola precisa valorizar os fenômenos religiosos como patrimônio cultural e histórico, buscando discutir princípios, valores, diferenças, tendo em vista a compreensão do outro. Por isso é importantíssimo que o professor trabalhe com os alunos atitudes de tolerância e respeito às diferenças desenvolvendo um trabalho com a diversidade religiosa. E ele pode estar utilizando-se das aulas de Ensino

Religioso para estar fazendo este trabalho ou de quaisquer outras situações em suas áreas de conhecimento, tomando o cuidado em refletir com os alunos o maior número possível de expressões religiosas existentes na sociedade, buscando garantir o direito de livre expressão de culto, evitando o proselitismo ou intolerância religiosa. (SANTOS, 2008, p.22 e 23)

Para isso a professora ou professor precisa ter o cuidado quanto à sua própria religião, para que não seja apresentada para os alunos como a melhor e que por isso deva ser seguida, tendo em vista que não existem religiões melhores e nem piores. O que existe é o preconceito quanto à religião do outro, como por exemplo, as religiões de matrizes africana, como a umbanda e o candomblé. Estas, são religiões afrobrasileira que ainda sofrem muito preconceito de pessoas de outras religiões, sem antes mesmo ter o mínimo conhecimento sobre essas religiões.

Dessa forma, HEERDT, (2003, p. 34) afirma que,

É fundamental que as escolas incentivem os educandos a conhecer a sua própria religião, a ter interesse por outras formas de religiosidade, valorizando cada uma e respeitando a diversidade religiosa, sem nenhum tipo de preconceito.

Da mesma forma, podemos perceber o preconceito contra as pessoas negras, visível em diversas frases, do tipo “pessoa de cor”, “a coisa tá preta”, “olha o cabelo dela”, “olha a cor do fulano”, “tem o pezinho na senzala”, “serviço de preto”, etc. (SANTOS, 2008, p. 30). Sobre esse aspecto, este autor enfatiza que

Os afrodescendentes devem ser reconhecidos em nossa sociedade com as mesmas igualdades de oportunidades que são concedidas a outras etnias e grupos sociais, buscando eliminar todas as formas de desigualdades raciais e resgatar a contribuição dos negros na formação da sociedade brasileira e, assim, valorizar a história e cultura dos afro-brasileiros e africanos (SANTOS, 2008, p. 30).

As pessoas, muitas vezes, só reconhecem os iguais. Os diferentes causam medo, estranheza, preconceito, ou seja, não são reconhecidos dentro das suas diferenças, como afirma (MOREIRA, CANDAU, et al, 2008, p.31):

Os "outros", os diferentes, muitas vezes estão perto de nós, e mesmo dentro de nós, mas não estamos acostumados a vê-los, ouvi-los, reconhecê-los, valorizá-los e interagir com eles. Na sociedade em que vivemos há uma dinâmica de construção de situações de apartação social e cultural que confinam os diferentes grupos socioculturais em espaços diferenciados, onde somente os considerados *iguais* têm acesso. Ao mesmo tempo, multiplicam-se as grades, os muros, as distâncias, não somente físicas, como também afetivas e simbólicas entre pessoas e grupos cujas identidades culturais se diferenciam por questões de pertencimento social, étnico, de gênero, religioso, etc.

Dessa forma, a educação ainda é um meio importante que se tem na busca de enfrentar o preconceito e o racismo no nosso País. Com o passar do tempo muitas coisas mudaram no nosso País, mas o negro ainda sofre bastante preconceito na nossa sociedade, assim como as demais diversidades, acarretando em diversos fatores negativos que vai da piada de mau gosto, que já é uma violência, à própria violência física, psicológica e simbólica.

Nesse contexto da diversidade cultural, o conceito de gênero desponta como um conceito importante na busca de denunciar as desigualdades socialmente construídas entre homens e mulheres. (BRASIL, 2015)

Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos. Por exemplo, o fato de as mulheres, em razão da reprodução, serem tidas como mais próximas da natureza, tem sido apropriado por diferentes culturas como símbolo de sua fragilidade ou de sujeição à ordem natural, que as destinaria sempre à maternidade. (BRASIL, 2009, p. 39).

Enfim, partindo de uma perspectiva histórica podemos perceber “[...] que o conceito de gênero menino e menina foram produzidos no interior das relações sociais e faz parte do nosso cotidiano, por isso, aprendemos a repeti-los e naturaliza-los” (NOGUEIRA, et al, 2008, p.5). Isso ocorre nos livros didáticos, quando a figura da mulher aparece de avental, cuidando da casa e dos filhos. Nos espaços escolares, quando nos referíamos sala dos professores, reuniões dos pais com referência apenas masculina, e na sociedade quando nos referíamos à câmara de vereadores etc.

Dessa forma, aprendemos desde cedo o papel masculino e feminino na sociedade e, com isso, aprendemos a naturalizá-lo e dificilmente/nunca a questioná-lo, mesmo sabendo que essas diferenças partem de uma construção social e não biológica como foi “cientificamente comprovadas” durante anos. Precisamos aprender a fazer questionamentos, por exemplo, porque as mulheres são maioria nas Universidades e minoria no mercado de trabalho? Porque existem ainda tantas desigualdades entre homens e mulheres na nossa sociedade? Enfim, precisamos questionar cada vez mais a desigualdade entre homens e mulheres no nosso País e, dessa forma, lutarmos para termos um País igualitário, onde todos possam ter os mesmos direitos.

## 2.2 A desigualdade social entre mulheres e homens no Brasil

A desigualdade social entre homens e mulheres em discussão neste trabalho é historicamente construída, está presente na humanidade há vários séculos, perpassando todas as classes sociais, sendo que os papéis e as funções atribuídos aos homens e mulheres vão sofrendo modificações no decorrer das formações sociais. São anos de muitas lutas, desde período colonial em que as mulheres eram propriedades do Pai e ao se casarem se tornavam propriedade do marido.

Com o passar do tempo as mulheres começaram a exercer outras atividades que não fossem somente as do lar como, por exemplo, ser professora, graças às lutas coletivas das mulheres no decorrer da história, por meio das quais conseguiram uma certa libertação desse modelo padrão imposto na sociedade. Nesse sentido, destacamos que o direito ao voto foi uma das primeiras conquistas, precisamente no ano de 1932:

[...] as mulheres de vários Países, incluindo o Brasil organizaram se para obter o direito a participação política, realizando manifestações políticas, petições, escrevendo manifestos e jornais, entre outras formas de pressão política. Esse movimento, que obteve êxitos ao longo do início do século XX, chamou a atenção para as mulheres como sujeitos sociais, iniciando uma discussão política que até hoje é bastante importante. (BRASIL, 2015, p. 31).

Apesar disso, mulheres e homens vão ocupando lugares diferentes, a desigualdade foi se afirmando e consolidando, permanecendo até os dias atuais.

Em busca de justificar essas desigualdades, muitas explicações foram criadas ao longo do tempo. Uma delas estaria ligada ao fator biológico, ou seja, essas diferenças estariam ligadas ao corpo. A mulher estaria biologicamente preparada para assumir atividades domésticas, por ser considerado sexo frágil incapaz de exercer outras atividades, e dessa forma ficaria responsável aos afazeres do lar, ao espaço privado, enquanto que o homem se tornaria o único provedor do lar e livre aos espaços públicos e exercendo todo poder de dominação sobre a mulher, o homem como ser dominante e a mulher como dominada.

Não é que não existam diferenças entre homens e mulheres em relação à força física, o que é óbvio, entretanto, o que vale ressaltar é que essas diferenças não podem justificar a desigualdade entre homens e mulheres e principalmente a submissão da mulher em relação ao homem em diversas situações sociais.

Hoje em dia percebe-se que muita coisa mudou, se compararmos a realidade atual com a de séculos atrás. A legalização do divórcio é um exemplo disso, assim como o espaço que a mulher está conquistando no mercado de trabalho. No entanto, a falta de igualdade de salários, assim como outras desvantagens precisam ser revistas. As desigualdades ocorrem igualmente na ocupação dos cargos políticos, ou seja, predominam a presença masculina nos cargos de presidente, deputados, senadores etc., apesar da Lei que determina que pelo menos trinta por cento (30%) dos concorrentes a esses cargos políticos sejam destinados às mulheres.

Portanto, as relações de gênero implicam em relações de poder, da submissão das mulheres aos homens, uma realidade que perpetuou por muitos séculos e que ainda hoje permanece muito acentuada.

Nesse sentido, o feminismo surgiu para superar esse paradigma através das lutas e das novas concepções acerca das relações entre homens e mulheres. É uma perspectiva que veio lutar pela equidade de gênero na sociedade e que se fortalece juntamente com outros grupos de reivindicações de direitos, a exemplo os grupos LGBTs, (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais...), que são grupos de pessoas que ainda sofrem muito preconceito por não fazerem parte do modelo considerado normal pela sociedade, e dessa forma além de excluído é mais vulnerável a violência de pessoas preconceituosa.

No decorrer dos tempos, papéis diferenciados para homens e mulheres foram sendo construídos socialmente e esses papéis vão sendo determinados já na gravidez, a partir do momento em que se descobre o sexo da criança através de uma ultrassonografia. A partir daí, começa-se a comprar ou ganhar produtos infantis das (os) amigas (os) com cores diferenciadas, de acordo com o sexo. Cor rosa ou lilás para a menina e azul ou outra cor para o menino. Da mesma forma ocorre com os brinquedos, carros para meninos e bonecas ou outros utensílios representando o espaço doméstico para meninas, dessa forma começa a ser determinando papéis diferenciados para homens e mulheres na sociedade.

A diferenciação que vimos acima é percebida nos diversos âmbitos da sociedade, inclusive na escola, que é um dos principais espaços de atuação dos profissionais formados no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Como a problemática desta pesquisa envolve também o ambiente escolar, numa perspectiva

de uma futura atuação profissional, então fazemos a seguir uma reflexão sobre a temática de gênero na escola.

### 2.3 Gênero na escola

Os discursos atuais sobre a escola colocam em ênfase a questão da cidadania como uma de suas principais metas. Nesse sentido, considerando a perspectiva do movimento feminista, é dever da escola desconstruir os preconceitos que foram discutidos até aqui, para, assim, podermos ter “[...] uma sociedade inclusiva, justa e igual” [...] “onde todas as pessoas devem se sentir acolhidas” BRASIL (2015, p. 14), porque somos um País da diversidade e isso precisa ser mostrado de forma positiva. Para isso, é preciso que as instituições façam seu papel. Assim, concordamos com a ideia de que,

[...] é papel da Escola o debate constante envolvendo toda a comunidade escolar na perspectiva de desenvolver uma prática que tenha como pressuposto romper com as posturas cristalizadas do que considerado normal e reconhecer que a diversidade é uma realidade na vida das pessoas. (BRASIL, 2015, P. 14)

E principalmente que a escola valorize essa realidade, e não se omita. Que mostre que da mesma forma que um homem pode se relacionar com uma mulher, ele pode se relacionar com outro homem, e a mulher com outra mulher, sem que isso possa refletir de forma negativa para as pessoas que se encaixam no padrão heterossexual o modelo a ser considerado “normal” pela sociedade, mas para isso é preciso que a escola mostre que as pessoas são diferentes umas das outras, fazem escolhas diferentes, e nem por isso elas precisam ser tratadas de forma desigual e preconceituosa. Entretanto, para isso é preciso que a escola colabore para esse crescimento como está posto no trecho abaixo:

[...] o mundo social se organiza segundo a lógica das diferenças, quando a escola trata o tema da homossexualidade de forma desigual, estará reproduzindo a ideia de que as relações sociais, afetivas e amorosas têm que ser somente segundo a heterossexualidade. A partir do momento que são negadas e/ou silenciadas a discussão, a compreensão e a intolerância à homossexualidade, a escola deixa de ser um dos espaços de crescimento pessoal. (LOURO, 2007, apud BRASIL, 2014, p. 81).

Para termos uma sociedade sem preconceito é preciso que a sociedade acolha os grupos diferentes do heterossexual e comece a perceber que vivemos em

uma sociedade diversa, e que todos, independente da sexualidade, cor, etnia, religião, cultura etc., devem ter as mesmas oportunidades. Sobre isso, a escola tem um papel importante a cumprir, qual seja, valorizar as diferenças, promover debates e reflexões, de forma que os preconceitos sejam questionados, o que, muitas vezes não acontece. Como está posto na citação seguinte, a escola determina o modelo padrão e

Este modelo é masculino, branco e heterossexual, e todas as pessoas que não se encaixam nele são o outro, que é reiteradamente tratado como inferior, estranho, diferente. Esta forma de olhar a sociedade é que institui a desigualdade e não a diferença por si só – como olhamos, de onde olhamos, percebemos e falamos sobre esta diferença é que se dá a produção da desigualdade. (BRASIL, 2009, p. 106).

Porém não podemos esquecer que “[...] a Escola não existe isoladamente”, que ela é, muitas vezes, espelho daquilo que se aprende no contexto família e nos grupos sociais (BRASIL, 2015, p. 14). Por ser na escola o local em que as crianças passam a maior parte do tempo, então, ela deve provocar um diálogo no sentido de evidenciar que na sociedade existe uma diversidade, e que todas as pessoas que são diferentes umas das outras seja pela identidade sexual ou pela ou qualquer outra diversidade, precisam ser respeitadas, e com isso os alunos aprendem na escola que ser diferente é normal e não apenas o modelo que aceito pela sociedade e ensinado pelos pais de acordo com o sexo, que são os papeis referente a cada um na sociedade, por isso, é responsabilidade da escola problematizar e enfrentar as distorções realizadas pelo paradigma dominante.

Mas na verdade não é isso que acontece. Segundo Louro (2007, p. 57)

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas.

Apesar dos limites da educação escolar, da desigualdade entre as mulheres e os homens “[...] a trajetória dos movimentos feministas e de mulheres traduzem bem a luta pela igualdade de gênero”, com algumas conquistas já alcançadas:

Conquistas como direito ao voto; a maior participação da mulher nos espaços de poder; a criação da Secretaria Especial de Políticas Públicas para as mulheres; a instituição de mecanismo que protegem a mulher da violência, a exemplo das Delegacias de Defesa da Mulher e da lei Maria da Penha e do Femicídio, da Casa da Mulher brasileira, são avanços fundamentais no que diz respeito aos direitos humanos. (BRASIL, 2015, p. 14).

Portanto, os preconceitos ou a intolerância não devem prevalecer no contexto escolar, mas, sim, as diferenças, para que estas possam ser respeitadas, já que se trata de um ambiente privilegiado, como afirma (BRASIL, 2015, p. 18).

O espaço da sala de aula é um ambiente privilegiado para se trabalhar a cidadania plena de homens e mulheres, a partir de políticas públicas que reflitam o objeto maior da escola na sua intencionalidade de construção de uma cidadania mais justa e fraterna, onde as diferenças sejam respeitadas e que podemos conhecer nossa identidade de classe, que dentro dessas diversidades é a única que nos unifica.

Dessa forma, “[...] a escola tem o dever de lidar com as diferenças e contribuir para eliminar as desigualdades em todas as esferas” (BRASIL, 2015, p.21). Por isso, é de suma importância que a temática de gênero seja trabalhada desde a educação infantil, até a idade adulta ou na velhice (BRASIL, 2015). Para que as crianças aprendam desde cedo a respeitar as diferenças já que muitas vezes o preconceito lhes é ensinado, e porque não o respeito pela diversidade?

É verdade que muitas instituições e profissionais tem certa “resistência” em debater sobre gênero e sexualidade, por medo de aumentar o preconceito “[...] dentro e fora da escolar como afirma (BRASIL, 2009, p. 32)

[...] acreditam que é melhor “ficar em silêncio”. Falar do tema seria acordar preconceitos antes adormecidos, podendo provocar um efeito contrário: em vez de reduzir os preconceitos, aumentá-los. E, nos silêncios, no “currículo explícito e oculto”, vão se reproduzindo desigualdades. Quando a escola não oferece possibilidades concretas de legitimação das diversidades (nas falas, nos textos escolhidos, nas imagens veiculadas na escola etc.) o que resta aos alunos e alunas, senão a luta cotidiana para adaptar-se ao que esperam deles/as ou conformar-se com o status de “desviante” ou reagir aos xingamentos e piadinhas e configurar entre os indisciplinados? E, por último, abandonar a escola”.

Dessa forma, a escola deixa de questionar preconceitos e de fazer seu papel agindo como se fosse possível “abafar”, “desviar”, “adiar” o que já está, há muito, pulsando com força e intensidade tanto dentro como fora da escola (BRASIL, 2015, p. 48). Sobre isso, Louro (2001, p. 89) afirma que

O silenciamento parece ter por fim “eliminar” esses sujeitos, ou, pelo menos, evitar que os alunos e as alunas “normais” os/as conheçam e possam desejá-los/as. A negação e a ausência aparecem, nesse caso, como uma espécie da garantia da “norma”.

Entretanto, a negação não vai garantir a norma já que “a sexualidade está presente das mais variadas formas: como afirma, Brasil (2009, p. 115),

[...] nos pressupostos acerca da conformação das famílias, dos papéis e do comportamento de homens e mulheres; nos textos dos manuais e nas práticas pedagógicas; em inscrições e pichações nos banheiros e nas carteiras; em olhares insinuantes que buscam decotes, pernas, braguilhas, traseiros; em bilhetes apaixonados e recadinhos maliciosos; em brincadeiras, piadas e apelidos que estigmatizam os rapazes mais “delicados” e as garotas mais “atiradas” etc. [...] ela também está no centro de grandes controvérsias contemporâneas que dizem respeito ao futuro das relações sociais de gênero, do casamento, da família, do direito das pessoas decidirem sobre seu corpo e sobre as maneiras de viverem e de exprimirem publicamente suas afetividades”.

Como percebe se o preconceito está presente na sociedade das mais variadas forma, como foi citado acima. E para enfrentá-lo é preciso que os professores estejam preparados academicamente para entrarem na luta por uma educação libertadora menos preconceituosa, e que possa ver a sexualidade e passar para os alunos através de outro viés, como, por exemplo, o do respeito como afirma Castro (2005, apud BRASIL, 2009, p. 32).

Há que se estimular os professores [e professoras] para estarem alertas, para o exercício de uma educação por cidadanias e diversidade em cada contato, na sala de aula ou fora dela, em uma brigada vigilante anti-racista, anti-sexista, [anti-homofóbica] e de respeito aos direitos das crianças e jovens, tanto em ser, como em vir a ser; não permitindo a reprodução de piadas que estigmatizam, tratamento pejorativo [...]. O racismo, o sexismo, [a homofobia], o adultismo que temos em nós se manifesta de forma sutil; não é necessariamente intencional e percebido, mas dói, é sofrido por quem os recebe, então são violências. É marca de forma indelével as vítimas que de alguma forma somos todos nós, mas sempre alguns, mais que os outros, mulheres, os negros, os mais jovens e os mais pobres.

A escola é um espaço privilegiado para a formação humana, por ser um espaço de diversidade (raça, gênero, sexualidade, etc.), um lugar propício para um debate na busca de uma sociedade igualitária, onde todos tenham acesso às mesmas coisas, independentemente da classe social e da identidade de cada um.

Espera-se, portanto, que a escola construa uma prática educativa que se oponha criticamente à desigualdade de gênero e ao preconceito com a diversidade e

que vá além disso, na busca de promover uma educação igualitária, como afirma, (BRASIL, 2009, p. 34):

Não se trata, simplesmente, de desenvolver metodologias para trabalhar a diversidade e tampouco com “os diversos”. É, antes de tudo, rever as relações que se dão no ambiente escolar na perspectiva do respeito à diversidade e de construção da igualdade, contribuindo para a superação das assimetrias nas relações entre homens e mulheres, entre negros/as e brancos/as, entre brancos/as e indígenas entre homossexuais e heterossexuais e para a qualidade da educação para todos e todas.

Enfim, mesmo passando séculos, desde o surgimento da escola moderna, e com conquistas político-sociais importantes, como por exemplo, o ingresso das mulheres nas instituições de ensino superior, elas são inferiorizadas e subjugadas se por acaso tentam romper com os padrões estabelecidos. Para ANDRADE, et al., (2013, p. 419),

Historicamente a forma como a escola brasileira vem sendo constituída fazem dela tributária de um conjunto dinâmico de valores, normas e crenças responsáveis por reduzir a figura do ‘outro’(instituindo como ‘estranho’, ‘inferior’, ‘pecador’, ‘doente’, ‘pervertido’, ‘criminoso’ ou ‘contagioso’) todos aqueles e aquelas que se enquadram ao único componente legitimado pelo modelo heteronormativo. É neste sentido que Guacira Lopes Louro considera que, no espaço da educação escolar, os sujeitos que, por alguma razão ou circunstancia, escapam da norma e promovem uma descontinuidade na sequência sexo/gênero/sexualidade, serão tomados como minoria e serão colocados á margem das precauções de um currículo ou de uma educação que se pretende para a maioria.

A escola, mesmo inconscientemente, acaba se tornando um lugar de opressão, ao mesmo tempo em que ela anula esses grupos, ou seja, deixa de pautar as questões que dizem respeito a essa minoria, acaba dando lugar ao preconceito, já que o que prevalece são os interesses da maioria, enquanto a minoria fica excluída e sofrendo preconceito por fazer parte de um grupo diferente do hétero.

Numa sociedade em que as mulheres ainda são vistas como “sexo frágil”, como alguém incapaz de exercer as mesmas atividades que os homens, é necessário que o espaço escolar seja problematizado. E nessa direção faz sentido o que diz Rosemberg e Amado (1992, p. 66), ou seja, “A escola não produz relações hierárquicas de gênero, mas reproduz as hierarquias pré- existentes na família, no mercado de trabalho e na sociedade mais ampla”. A escola reforça tudo aquilo que é cobrado pela sociedade, como por exemplo, a masculinidade hegemônica.

Por isso, é de suma importância que a escola esteja preparada para que não reforcem o preconceito e as desigualdades de gênero entre homens e mulheres presente na sociedade, mas sim, desconstruir essas diferenças, que há muito tempo perpetua na sociedade. É importante destacar que os paradigmas dominantes vem sendo questionados rumo a igualdade de gênero, mas ainda vivemos em uma sociedade com resquícios patriarcais, como afirma, (SILVEIRA, et al., 2010, p. 21)

[...] se quisermos educar para um mundo mais justo, é preciso que atentemos para não educar meninos e meninas de uma forma radicalmente distinta. Quando as crianças adentram as escolas, elas já passaram por uma socialização inicial da construção dos gêneros na família. Entretanto, a escola deve estar atenta para não permitir a reprodução do preconceito contra as mulheres e contra todos aqueles que fogem a masculinidade hegemônica.

Vale salientar que muitos alunos vêm de famílias tradicionais, ou seja, formada por um homem e uma mulher, e que são ensinados pelos seus pais e familiares comportamentos e atitudes referente a cada gênero.

E por ser a escola um dos espaços em que os alunos passam a maior parte do dia, um espaço de diversidade étnico-racial, identidade de gênero e de orientação sexual etc., ela tem um papel significativo na educação, e na desconstrução de preconceito como afirma (SILVA, 2006, p. 49)

A escola e, em particular, a sala de aula, é um lugar privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento da pluralidade das identidades e dos comportamentos relativos a diferenças. Daí, a importância de se discutir a educação escolar a partir de uma perspectiva crítica e problematizadora, questionar relações de poder, hierarquias sociais opressivas e processos de subalternização ou de exclusão, que as concepções curriculares e as rotinas escolares tendem a preservar.

Para que a temática de gênero e sexualidade faça parte da escola, sejam questionadas, é preciso que o professor esteja preparado academicamente tendo em vista que ela está presente das mais variadas formas dentro da escola, na linguagem, comportamentos, atividades etc. Enfim, ela precisa mais de investimento, porém,

Esse investimento significa não apenas a inclusão da temática no “currículo oficial” dos cursos de formação de professoras, como também a disponibilidade dos sujeitos para lidar com o desconhecido, o inusitado, o prazer e o erotismo na sala de aula. Isso significa ampliar tempos escolares para o cultivo das curiosidades e para a manifestação das dúvidas e questões que não necessariamente precisam de respostas, mas precisam de espaço

para ser formuladas, pensadas e impulsionadas. (BRASIL, 2015, P. 51)

Uma das questões a serem pensadas e questionadas e que permanece naturalizada nos livros didáticos é “[...] o uso da linguagem completamente masculina,” de acordo com (BRASIL, 2009, p. 101)

A gramática da Língua Portuguesa não evidencia, não utiliza a forma feminina em sua linguagem, o que não ajuda a constituir as mulheres como sujeitos próprios. Elas sempre são consideradas a priori parte de uma categoria masculina (todos, professores, diretores, pais, alunos etc.)

Da mesma forma, podemos observar no nome das instituições “[...] ocupadas por homens e mulheres como referência somente masculina (sala dos professores, Câmara dos Vereadores, Câmara dos Deputados etc.)” (BRASIL, 2009, p. 101). Isso acontece muitas vezes de forma inconsciente por ser naturalizado dentro da escola, e é atribuída a língua portuguesa, no qual quando se refere ao sexo masculino subentende que está se referindo ao feminino também. (BRASIL, 2009)

Esta forma de agir reproduz uma invisibilidade do feminino, reafirmando uma construção universal, cuja reprodução muitas vezes não é percebida pela escola e pelos/as educadores/as. O uso da linguagem no masculino está naturalizada [...]. (BRASIL, 2009, P. 101)

Nos livros didáticos as famílias são sempre brancas, o pai tem um emprego fora de casa e a mãe aparece sempre de avental, servindo a mesa ou costurando. (FARIA; NOBRE, 1997, p. 26-27). Isso reforça a desigualdade de gênero, enquanto a mulher fica em casa fazendo as atividades domésticas, que é uma atividade que não é remunerada e por isso não é considerada um trabalho. Por outro lado, mostra o homem saindo para trabalhar fora de casa, numa atividade remunerada considerando portanto que só o homem trabalha, e mostrando dessa forma a desigualdade entre o homem e a mulher na sociedade.

Dentro da sala de aula com o uso da linguagem não é diferente, ou seja, na dinâmica de organização da sala de aula, buscando assegurar a disciplina, lançam-se mão de frases como vemos abaixo:

[...] vocês estão parecendo mulherzinhas; isso é coisa de menino/de homem; peça para as meninas limparem isso; mande os meninos carregarem a caixa; as meninas estão muito saidinhas; tenha uma postura de homem, rapaz! (BRASIL, 2009, p.. 165).

Dessa forma, a escola está reforçando os papéis diferenciados para homens e mulheres. Essas diferenciações ocorrem em variados espaços, desde os

ambientes informais até os espaços colegiados de decisão, a exemplo das reuniões de conselho de classe, por meio de expressões como,

[...] aluna esforçada, aluno relaxado; menina galinha, menino conquistador; moça vulgar, rapaz garanhão; menina masculinizada, menino afeminado; menina matraca, menino caxias. (BRASIL, 2009, p.. 165).

Essa é a realidade de muitas escolas no Brasil, que reforçam na linguagem a desigualdade que as mulheres carregam pelo simples fato de terem nascidas mulheres, viverão em sociedade juntamente com os homens, mas não terão as mesmas liberdades e nem as mesmas oportunidades que os homens na sociedade.

Enfim, muitas conquistas foram alcançadas, paradigmas questionados, mas precisa-se de mais, se quisermos uma sociedade justa e igualitária, onde todos tenham direito as mesmas coisas, e são respeitadas de acordo com as suas diferenças precisamos que o estado faça sua parte, invista em materiais que aborde a temática da desigualdade de gênero e da diversidade e mais que isso, de condições para que os professores possam fazer um curso para poder trabalhar essas diferenças dentro da escola em busca de uma sociedade menos preconceituosa e tolerante com as diferenças, começando dentro da escola com os alunos que serão o futuro da nossa sociedade.

Ao direcionarmos o nosso olhar para o pátio da Escola podemos perceber num primeiro olhar, que não existe indiferenças entre o masculino e feminino. Porém, ao observar como cada um se comporta podemos perceber claramente que ambos os sexos se comportam de maneiras diferentes. Como afirma, (BRASIL, 2009, P. 105),

Nas escolas é possível perceber a existência de espaços e territórios delimitados para ocupação masculina e feminina. Esses territórios são construídos utilizando-se diferentes artifícios originados nos conceitos preestabelecidos de masculino e feminino e de relações de poder. O acesso ao território masculino é negado ao feminino, e constitui-se em uma relação de poder entre meninos e meninas em que o masculino tem o domínio sobre o feminino. A menina que ousa transgredir tal relação de poder estabelecida é punida. Muitas vezes essas meninas são pejorativamente apelidadas de “corrimão”, “maçaneta”, entre outras.

As diferenciações acontecem igualmente nas brincadeiras e nos comportamentos de cada gênero. Frequentemente se observa que “[...] as meninas vão ‘lanchar e conversar, passear pelo pátio em duplas ou trios, jogar vôlei ou

handeball’, enquanto que os meninos jogam ‘futebol, lutas corporais de breve duração, jogos eletrônicos [...]’.” (BRASIL, 2009, p. 105). Algumas dessas brincadeiras ocorrem nos mesmos espaços, como por exemplo no pátio, espaço frequentados por homens e mulheres, porém o que diferencia é a atividade referente a cada gênero nesses espaços.

Algumas atividades podem reforçar as desigualdades de gênero, como por exemplo, “[...] jogos e atividades em que são formados times ‘eles x elas’; Menino pega Menina” e ‘Menina pega Menino’, como uma ‘releitura’ do conhecido e comum ‘pega-pega’, são atividades que reforçam claramente essas desigualdades (BRASIL, 2009, p. 105).

Porém, existem algumas atividades que não reforçam essas desigualdades, como por exemplo, “queimada” e o “pique-esconde” como afirma. “Atividades como a “queimada” e o “pique-esconde” podem ser pensadas como uma maneira de barrar as tradicionais fronteiras entre masculinidades e feminilidades”. Dessa forma, (BRASIL, 2009, p. 105) afirma que,

[...] é mais comum meninas assumirem atividades que até pouco tempo eram exclusivamente masculinas do que meninos e rapazes se ocuparem de afazeres percebidos tradicionalmente como femininos. Essa diferença de avaliação expressa a hierarquia de gênero. Uma moça ou menina pode assumir uma atividade considerada masculina sem que isso implique necessariamente desvalorizar-se. No entanto, quando um rapaz exerce uma prática associada ao feminino, a desvalorização é frequente.

Podemos perceber que hoje em dia existe uma “flexão” pela sociedade em aceitar que uma menina participe de atividades consideradas como masculina, porém o mesmo não acontece com as atividades consideradas feminina em ser exercidas pelos meninos, quando isso acontece e acarretado uma série de suspeitas quanto à masculinidade do homem atribuindo dessa forma, segundo (BRASIL, 2009, p. 106) “[...] maior valor ao masculino do que ao feminino”. Por isso, romper barreiras “[...] e aceitar o novo é um desafio enorme que requer muita disposição”. (LIMA, 2012, p. 36)

Por isso, às vezes é mais cômodo para nós, culparmos as pessoas que são consideradas diferentes para que elas se adequem à sociedade, e se esforcem para serem iguais a outras. Isto é, sejam “normais” e desenvolvam um comportamento e ações que se encaixem no que se define como correto, como a verdade. (LIMA, 2012, p. 36)

O mais agravante, é que essa distinção de gênero que destacamos é reforçada, na maioria das vezes, pelos próprios educadores/educadoras que formam as instituições de ensino de nosso país (LIMA, 2012, p. 39 e 40). Essas pessoas deveriam fazer o diferencial para uma sociedade mais justa, já que “[...] eles desempenham a função de agentes de transformação da sociedade para a melhoria da vida da população”. (LIMA, 2012, p. 39 e 40).

## **2.4 A violência de gênero e a violência contra a mulher**

Há uma enorme confusão na definição de violência de gênero, utilizando-se a violência de gênero como sinônimo de violência contra a mulher, justamente por não se entender que é uma violência que pode ocorrer tanto entre homens e mulheres como entre homens e homens e mulheres e mulheres. (SAFFIOTI, 2011).

A violência contra a mulher, um dos tipos de “violência de gênero”, deixou de ser um caso isolado, restrito às famílias passando a ser a discutida nos espaços públicos, bem como delegacias, centros de assistência à mulher vítima de violência, além das discussões nos movimentos feministas etc.

Esse movimento surgiu na modernidade, emergindo das lutas contra a opressão em que viveu as mulheres, continuando ainda nos dias atuais, dadas as demandas levantadas pelo movimento feminista. De acordo com Pinsky (2010, p.286).

As primeiras feministas basearam-se nos ideais de melhoria individual e educação do Humanismo Renascentista para reclamar sua aplicação para as mulheres. A partir do final do século XVIII, passaram a lutar pela cidadania e a demandar direitos políticos e sociais como educação e de propriedade, apostando também (desde a pioneira Mary Wollstonecraft) no poder do Estado democrático como agente da melhoria da vida das mulheres, capaz de, com leis, reformar as relações familiares e ampliar participação das mulheres na sociedade.

A partir dessas lutas, a mulher está ganhando seu espaço no mercado de trabalho, e muitos estudos foram desempenhados, aumentando ainda mais em 2006

pela Lei 11.340/06. Como Podemos observar no Título II: Da violência Doméstica e Familiar contra a mulher, capítulo, 1: Disposições Gerais.

ART. 5º Para os efeitos desta Lei configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial:

I- No âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;

II - no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;

III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação [...] (Presidência da República, Lei, 11.340/06).

Diante das Disposições gerais, podemos perceber os diferentes tipos de violência e não só “sofrimento físico”, como é o mais conhecido seja na violência doméstica ou familiar, adultos ou crianças. Muitas vezes as vítimas passam por diferentes tipos de violência, que ocorre de forma lenta no qual muitas vezes só é reconhecida como violência agressão física.

Sendo que “tal violência pode se manifestar por meio de ameaças, agressões físicas, constrangimentos e abusos sexuais, estupros, assédio moral ou sexual. Embora tenham sido conquistados avanços legais na proteção dos direitos de cidadania desde a infância, uma conjugação perversa da superioridade de gênero e geracional (homens mais velhos) – manifesta nas atitudes violentas e pais, padrastos, tios – deixa muitas meninas ou jovens subjugadas às vontades de parentes ou de outros homens adultos”(BRASIL, 2009, P. 74).

Por isso, ao abordar o conceito de gênero, Brasil (2009, p. 75) oferece um olhar mais atento para determinados processos que consolidam diferenças de valor entre o masculino e o feminino e que geram desigualdades na posição que a mulher ocupa na sociedade.

A posição social de boa parte das mulheres no espaço doméstico é delicada, principalmente daquelas que não desfrutam de autonomia em relação aos companheiros, seja por razões de dependência financeira, por escolaridade insuficiente, por não trabalharem fora de casa, seja por dificuldades de se afirmarem como pessoas autônomas (BRASIL, 2009, p. 75).

E por isso, muitas vezes ficam a mercê da violência do seu companheiro por não ser independentes financeiramente, por não trabalhar fora de casa e dessa

forma ficam a mercê da violência. Pensando nisso, o homem muitas por “banciar” financeiramente a sua esposa ou namorada se sente como “dono” dela, superior a ela. A suposta superioridade do homem é uma realidade observada também em muitas religiões, como mostra Oliveira (2010, p. 04):

“[...] muitas religiões pregam a superioridade do homem sobre a mulher, o que faz com que alguns homens sintam-se no direito de exercer o seu “domínio” sobre a mulher, mesmo que seja necessário o uso da violência”.

Por isso, são necessários processos de ensino e aprendizagem para que hierarquias de poder sejam enfrentadas, como defende (Silveira et al. 2010, p. 23)

Desnaturalizar hierarquias de poder baseadas nas diferenças de sexo tem sido um recurso utilizado para romper com argumentos pautados na biologia que desqualificam as mulheres, corporal, intelectual e moralmente e qualificam um sujeito homem a partir de uma masculinidade hegemônica desconsiderando todas as perspectivas de respeito às diferenças.

Por isso, desde muitos séculos a “discriminação de Gênero coloca as mulheres em desvantagem em relação aos homens em diversas situações sociais” (BRASIL, 2009, p.66). De acordo com SAFFIOTI (2011, p. 81), “[...] violência de gênero inclusive em suas modalidades familiar e doméstica, não ocorre aleatoriamente, mas deriva de uma organização social de gênero, que privilegia o masculino” em diversas situações sociais.

Nessa perspectiva, Santos e Oliveira (2010, p. 13 e 14) afirmam que

A partir das condições objetivas e subjetivas dos papéis que ocupam socialmente e do modo desigual como são construídas as relações, as mulheres não possuem acesso igualitário ao trabalho, aos salários, aos bens, de maneira geral. Na educação, por exemplo, as escolas e outras instituições educadoras continuam pautando as questões referentes às mulheres no campo da reprodução do machismo, conferindo mais liberdade aos meninos do que às meninas. É também muito forte a influência religiosa cristã nos colégios, principalmente nas grandes escolas católicas, que transmitem uma ideia da mulher, mãe, cuidadora, enquadrada no modelo tradicional e conservador de família, em que o pai é o chefe que manda na mãe e nos filhos.

Dessa forma, a força física pode ser percebida como uma das afirmações da masculinidade, ou seja,

[...] é por meio da força física, do uso do corpo como instrumento de luta para se defender, mas também para ferir. Como a violência é cultivada como valor masculino, muitas mulheres acabam submetidas a situações de sofrimento físico ou psíquico em razão da violência de seus companheiros, irmãos, pais, namorados, empregadores ou desconhecidos. (BRASIL, 2009, p. 74).

Essas violências se manifestam de diversas formas, causando situações constrangedoras, através de ameaças, humilhações, danos à integridade física, pedofilia, abusos sexuais verbais, estupros, gestos obscenos, assédio moral ou sexual etc. Apesar dos diversos avanços na proteção dos direitos de cidadania, a começar pela infância, é por homens mais próximos, como os pais, padrastos, tios, que meninas ou jovens sofrem violências dessa natureza. Sobre esta questão, é importante dizer que a violência psicológica, tão presente em determinados casos, não é concebida como tal, dada a falta de consciência a respeito desse fenômeno.

Sobre a violência doméstica, a literatura mostra que ela ocasiona uma série de problemas, não só ao casal, mas a toda família, particularmente aos filhos, que provavelmente se tornam agressivos no dia a dia com os/as colegas. O “[...] desempenho escolar infantil ou juvenil pode ser abalado, acarretando o abandono da escola”. (BRASIL, 2009, p. 76). Considerando um ambiente familiar com esse tipo de problema, é provável que os filhos, quando se casam, podem reproduzir com sua família as mesmas agressões sofridas geralmente pela mãe.

Graças às lutas do movimento feminista, as mulheres tiveram algumas conquistas importantes, aumentando, assim “[...] as oportunidades sociais e as chances de superar os tradicionais obstáculos que impedem as mulheres de conquistar autonomia” (BRASIL, 2009, p. 68). Ainda assim, é muito preocupante a desigualdade de Gênero, como por exemplo, a distribuição de papéis de acordo com o sexo, como o principal papel da mulher ter filhas/os, cuidar da casa, do marido etc.

Esses papéis são impostos pela sociedade e introduzidos pela família desde os primeiros meses de gravidez, quando se descobre o sexo da criança e começa associando a cor rosa para menina e o azul para menino, e dessa forma montando todo o enxoval ou até mesmo ganhando dos amigos de acordo com o sexo da criança.

Com o passar do tempo a menina vai sendo direcionada para o espaço doméstico, através das brincadeiras e com os brinquedos, a exemplo da boneca, da casinha, com as suas panelinhas e, do outro lado, os meninos vão brincando com sua bola, moto, carro com brincadeiras totalmente diferentes. E, assim, a menina vai sendo direcionada para ser uma boa dona de casa, enquanto os meninos se preparando para trabalhar no espaço público. As brincadeiras e os brinquedos

indicam possibilidades diferentes (piloto, cientista, doméstica, cozinheira, bombeiro). Os horizontes são diferentes.

No decorrer dos tempos, essas diferenças vão aumentando, ou seja,

À medida que crescemos, por meio dos brinquedos, jogos e brincadeiras, dos acessórios e das relações estabelecidas com os grupos de pares e com as pessoas adultas, vamos também aprendendo a distinguir atitudes e gestos tipicamente masculinos ou femininos e a fazer escolhas a partir de tal distinção, ou seja, o modo de pensar e de agir, considerados como correspondente a cada gênero, nos é inculcado desde a infância. (BRASIL, 2009, p.48)

E porque não estimular que os meninos também possam desenvolver atitudes, gestos e comportamentos tidos como próprios das meninas? Eles podem também ser carinhosos, meigos, cuidadosos, gentis, sensíveis, assim como expressar suas dores e medos. E as “[...] meninas, por sua vez, podem ser incentivadas a praticar esportes, a gostar de carros e motos, a serem fortes (no sentido de terem garra, gana), destemidas, aguerridas.” (BRASIL, p.49, 2009).

Trabalhar as relações de gênero nessa perspectiva, para César et. al (2010, p. 35)

[...] significa apenas e tão somente demonstrar que meninos podem ser também meigos e sensíveis sem que isso possa ‘ferir’ sua masculinidade, e que meninas podem ser agressivas e objetivas, além de gostarem de futebol, sem que essas características firam sua feminilidade.

Os próprios brinquedos podem contribuir com isso, ou seja, não é um problema que os meninos brinquem de lavar louças, de cozinhar, de boneca etc. Pois, vão aprendendo desde cedo, a compartilhar dos espaços e dos trabalhos ditos femininos. Eles precisam desenvolver uma consciência de que devem assumir outras responsabilidades, de que, por exemplo, eles não são visitas de sua própria casa, mas responsáveis por ela também. E, assim, vão aprendendo que a responsabilidade doméstica é de todos. O espaço doméstico é de responsabilidade de quem o habita.

Esses questionamentos são fundamentais para se desconstruir preconceitos, fazendo com que nossa sociedade seja menos preconceituosa, e que possa ver a mulher como alguém que já passou por muitas injustiças e que aos poucos está conquistando o seu espaço no mercado de trabalho, mas ainda está sendo desvalorizada recebendo menos que os homens na mesma atividade.

Sobre essa questão da participação da mulher no mercado de trabalho, Rosemberg e Amado (1992, p.68) afirmam que “[...] o aumento da escolaridade das mulheres não tem sido suficiente para alterar significativamente a estrutura de empregos; que o nível salarial das mulheres não corresponde a sua função educacional”.

Essa desigualdade é justificada, em certa medida, pela reprodução do corpo da mulher, como podemos ver no trecho abaixo.

A reprodução – que ocorre no corpo da mulher – exerce considerável influência na divisão sexual do trabalho e na estruturação dos lugares sociais ocupados por homens e mulheres. Estas são responsáveis por gestar, parir e criar os filhos e pelos serviços de manutenção doméstica, enquanto os homens se voltam tradicionalmente para o provimento da casa, ou seja, para a mediação entre o mundo privado e o público. (BRASIL, 2009, p. 58).

Essa desigualdade foi se afirmando de diversas formas como, por exemplo, na literatura de cordel, onde, em vários textos, a mulher é citada de forma altamente preconceituosa, como se pelo fato de ser mulher, seria incapaz de realizar alguma atividade que não fossem a do lar, cuidar da casa e ter filhos, cuidar do marido etc. Nessa perspectiva literária a mulher aparece, em determinados casos,

[...] ora como moça casadoira, ora como donzela, ora como prostituta ou doméstica – nas várias situações, reforçam-se os papéis e os lugares sociais atribuídos às mulheres: o espaço privado, o trabalho doméstico, a procriação, o cuidado e a educação dos filhos. Isto significa que, além de lutarem contra a exclusão social que as atinge, bem como a suas famílias, muitas mulheres têm que enfrentar preconceitos e superar dificuldades advindas da posição social subordinada que ocupam em relação aos homens, independentemente de sua condição socioeconômica. (BRASIL, 2009, p. 66)

Ao se sentirem superiores, muitos homens tratam a mulher de forma utilitarista, ou seja, como objeto seu, submetendo-a a condições de violência, apesar da Lei 11. 340/96<sup>1</sup>. Segundo SANTOS (2013, p. 3), essa lei veio suprir as lacunas da Lei 9.099/95, a qual “[...] classificava a violência sofrida pelas mulheres em seus domicílios como um crime de menor potencial ofensivo e previa como pena para os

---

<sup>1</sup> A Lei 11. 340/96 é a Lei que “Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.” (BRASIL, 2006).

agressores o pagamento de cesta básica ou privação da liberdade de três meses a um ano”.

Recentemente uma das grandes conquistas alcançadas foi a chamada “Lei do Femicídio”, Lei nº 13.104, a partir da qual a tipificação do feminicídio foi classificado como crime hediondo:

A tipificação do feminicídio no Código Penal é uma condição para que ele se torne visível e presente na opinião pública, nas universidades, nas delegacias, nas perícias, nas promotorias, nas defensorias públicas e nos tribunais de justiça. Não é aceitável de nenhuma maneira que a morte violenta das mulheres, frequentemente nas mãos de seus maridos, companheiros ou namorados, seja vista como algo natural ou inexistente. (BRASIL, 2005, p.191).

Dessa forma, a Lei se torna mais rigorosa aumentando ainda mais a pena de acordo com o delito, deixando de ser algo natural a agressão sofrida pelas mulheres por parte do marido, ex marido, namorado ex namorado, etc. Enfim, qualquer ato de violência contra as mulheres que sejam causada por homens independente do parentesco as leis serão mais severas.

## **2.5 As mulheres ocupando o âmbito escolar**

A educação no nosso país durante muito tempo foi restrita aos filhos das elites e aos “novos sacerdotes”, ficando as mulheres sem acesso aos ensinamentos produzidos no espaço escolar. Como afirma, (BARBOSA, 2012, p. 02),

[...] às mulheres bastava os papéis definidos pela sociedade: esposa e mãe. Portanto, elas também eram proibidas de frequentar aulas, recebendo como instrução noções de prendas domésticas e boas maneiras.

Nesse percurso, apenas uma pequena exceção era feita às mulheres de famílias mais favorecidas, com acesso a “noções de leituras”, que era considerado um grande avanço, num panorama que permaneceu por muitos anos no Brasil, reservando as mulheres apenas a prendas domésticas. Enquanto isso, sobre os homens da classe dominante era exercida uma grande pressão, para que tivessem um ensino superior, e tornando-se assim em “homens cultos” pela sociedade.

A partir de 1870, a sociedade brasileira vivencia um novo momento em sua história, com o ingresso das mulheres no ensino superior, que antes só eram

alcançados pelos homens. Nesse período, abriu-se [...] as instituições de ensino superior à entrada das mulheres. Em 1887 formou-se a primeira médica no Brasil, Rita Lobato Velho Lopes e, em 1889, foi permitido pela primeira vez que uma advogada brasileira fosse admitida nos tribunais. (BRASIL, 2009, p. 56 e 57).

Portanto, a educação do nosso País no decorrer dos anos passou por inúmeras transformações umas delas foi com a constituição 1988, que veio garantir que todos tivessem acesso à educação. Como afirma o artigo 3º da Constituição Federal

- I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;
- II - garantir o desenvolvimento nacional;
- III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
- IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. (BRASIL, 1988).

Enfim, ela veio garantir que todos tivessem acesso a educação, e dessa forma conviver com tantas diferenças podem ocasionar determinados tipos de desigualdade, preconceito e discriminação.

Quando falamos em desigualdade, estamos tratando de um fenômeno social que produz uma hierarquização entre indivíduos e/ou grupos não permitindo um tratamento igualitário (em termos de oportunidades, acesso a bens e recursos etc.) a todos/as. Enquanto o preconceito “é um conceito preestabelecido, alimentado pelo estereótipo; é um pré-juízo”. Já a “discriminação é ação de discriminar, tratar diferente, anular, de tornar invisível, excluir, marginalizar”. (BRASIL, 2009, P. 226)

Diante de tantas desigualdades foi através do magistério que a mulher começou a exercer uma atividade que não fossem as atividades domésticas. Vale lembrar que o magistério era uma atividade masculina, para alunos masculinos (RABELO e MARTINS, 2003, p.61). Já as mulheres ficavam restritas apenas às prendas domésticas. Com o passar do tempo foi permitido à mulher exercer o magistério por ser uma atividade que conciliava com as atividades domésticas. Mesmo assim, a desigualdade de gênero ainda persistia na administração da escola. Mas, o homem foi se distanciando da sala de aula e se tornando administrador e até os dias atuais isso ainda é muito comum “[...] nos setores administrativos da educação, principalmente nos cargos mais altos como, por exemplo, os ministros da educação”.

A partir disso as mulheres foram a cada dia conquistando seu espaço no mercado de trabalho, com destaque para o âmbito escolar, porém em alguns setores ainda há desigualdade salarial:

O ingresso das mulheres na escola tem crescido significativamente, hoje ultrapassando o contingente masculino. Tal interesse está certamente articulado à sua entrada maciça no mercado de trabalho e às chances de melhoria de sua qualificação profissional e dos salários percebidos. No entanto, os investimentos das mulheres na educação e na qualificação profissional ainda não se reverteram em igualdade salarial. Em alguns setores apenas se reduziu o nível de desigualdade. Quando consideramos as mulheres negras, os dados são ainda mais impressionantes. Quanto maior a escolarização, maior a diferença salarial entre estas e os homens, mas também entre as próprias mulheres, estando as mulheres brancas em posição de maior vantagem. (BRASIL, 2009, p. 57).

É importante dizer que o processo de profissionalização feminina tem uma relação muito íntima com a religião, como afirma (SILVA, MONTENEGRO, et al., 2012, p. 46)

É, como a educação religiosa era tida como a base moralizadora que permitiria o desenvolvimento dos ‘bons costumes’ e de uma conduta, conseqüentemente tornava se requisito indispensável para que as mulheres se tornassem aptas para ensinar.

A mulher, que, no âmbito doméstico, já era a pessoa encarregada da “[...] educação e moral dos filhos, passou a educar outras crianças, ocupando o papel de mãe-educadora”. (SILVA, MONTENEGRO, et al., 2012, p. 46).

A docência, apesar de ser um trabalho fora de casa, exigia da mulher a habilidade do cuidar, tornando-se uma espécie de “mãe-educadora”. Vale ressaltar que as mulheres eram escolhidas para serem apenas professoras de religião e que o exercício da profissão de educadora era muitas vezes temporário, como afirma (SILVA, MONTENEGRO, et al., 2012, p. 46)

Pois, “deveria ser abandonada sempre que se impusesse a verdadeira missão feminina de esposa e mãe” (LOURO, 1997, p.453). Após o casamento na grande maioria das vezes, era exigido que as mulheres abandonassem as salas de aula e retornassem ao lar, reassumindo o papel atribuído ao contingente feminino de mãe-cuidadora-educadora. A presença ou não dos filhos era também uma condicionante no processo de profissionalização feminino. Mesmo as casadas com maridos mais liberais, só exerciam o trabalho qualificado enquanto não engravidavam.

Outro aspecto que chama a atenção na trajetória da profissionalização feminina “[...] foi a associação do magistério com a imagem da mulher pouco graciosa, da solteirona retraída”. (PINHEIRO, 2009, p.2). Uma

Conotação negativa, que dava a entender que o lugar de professoras era o destino que ressaltava às mulheres que não possuíam atrativos para exercerem o “importante papel” de esposas e mães dentro da esfera privada do âmbito doméstico. (SILVA, MONTENEGRO, et. al., 2012, p. 46 e 47).

Enfim, muitas mudanças ocorreram ao longo da história e a mulher foi conquistando seu espaço no mercado de trabalho e a imagem da professora não está mais sendo vinculada à mulher pouco graciosa, solteira ou como única atividade que a mulher seria capaz de fazer fora do lar.

## 2.6 Gênero e diversidade na escola

Diante de várias transformações na educação, como o ingresso das mulheres cada vez maior do que os homens nos espaços escolares, hoje tem a Escola como um espaço cultural, com diferenças sexuais e diferentes gêneros.

Algumas escolas ainda seguem um lema de tratar todos como iguais anulando a identidade de cada um, isso muitas vezes acontece quando os professores deixam de falar sobre a diversidade, étnico-racial, identidade de gênero e de orientação sexual, seja por acharem que não fazem parte da disciplina ou por não estarem preparados para lidar com a diversidade.

[...] não se falar sobre essas temáticas, tirando-as dos documentos legais, não abordando ou priorizando-as nos projetos pedagógicos, nos planos de ensino, dentre outros, também se promove uma educação sexual do silêncio, do ocultamento, da violência de não se acolher a diferença, o desejo de saber, o sofrimento de muitas crianças e adolescentes que sofrem por não serem condizentes com o gênero ou orientação sexual heteronormativas [...]. (BRASIL, 2015, p. 16).

Mesmo que não se queira abordar sobre esse tipo de questão, em vários âmbitos a temática da diversidade vai estar presente, ou seja,

A diversidade está presente em cada entrelinha, em cada imagem, em cada dado, nas diferentes áreas do conhecimento, valorizando-a ou negando-a. É no ambiente escolar que as diversidades podem ser respeitadas ou negadas. É da relação entre educadores/as, entre estes/as e os/as educandos/as e entre os educandos/as que nascerá a aprendizagem da convivência e do respeito à diversidade. A diversidade, devidamente reconhecida, é um recurso social dotado de alta potencialidade pedagógica e libertadora. A sua valorização é indispensável para o desenvolvimento e a inclusão de todos os indivíduos. (BRASIL, 2009, p. 33).

Conviver com as diferenças, “implica o respeito, o reconhecimento e a valorização” de tudo aquilo que se apresente inicialmente como diferente, promovendo dessa forma um processo de igualdade de direito entre os indivíduos, que deve ser promovido principalmente dentro do contexto escolar. (BRASIL, 2009).

É na Escola que as crianças mais se deparam com as diferenças no dia a dia, inclusive as desigualdades de gênero, como nas brincadeiras entre meninas e meninos, ou até mesmo dentro das salas de aula com a formação dos grupos entre os alunos de acordo com o sexo. Por isso, é papel da Escola desnaturalizar as diferenças de gênero, uma vez que ela “[...] tem grande responsabilidade no processo de formação de futuros cidadãos cidadãs, ao desnaturalizar e desconstruir as diferenças de gênero, questionando as desigualdades daí decorrentes” (BRASIL, 2009, P. 59).

Sobre esse aspecto, Oliveira (2015, p. 24) chama a atenção para o papel do professor, afirmando que esse profissional

[...] é essencial no processo de construção do conhecimento, pois ao mesmo compete fazer com que o alunado reflita sobre várias questões e tenha uma visão crítica sobre o mundo, tendo assim, autonomia para escolher seus valores, porém o professor deve ter discernimento para não transmitir seus próprios valores, suas crenças e opiniões como sendo verdades absolutas ou princípios a serem seguidos.

Porém, a Escola ainda educa seguindo os padrões da sociedade do “ser homem” e “ser mulher” deixando de lado a diversidade. Por isso, não podemos esquecer o papel da sociedade e do Estado, uma vez que o ato de

[...] educar para a valorização da diversidade não é, portanto, tarefa apenas daqueles/as que fazem parte do cotidiano da escola; é responsabilidade de toda a sociedade e do Estado. Compreendemos que não se faz uma educação de qualidade sem uma educação cidadã, uma educação que valorize a diversidade. Reconhecemos, porém, que a escola tem uma antiga trajetória normatizadora e homogeneizadora que precisa ser revista. O ideal de homogeneização levava a crer que os/as estudantes negros/as, indígenas, transexuais, lésbicas, meninos e meninas deveriam se adaptar às normas e à normalidade. (BRASIL, 2009, p.31)

Da mesma forma ocorrem com o preconceito de gênero dentro da Escola, e na luta pelo não preconceito. Para isso é preciso que professores tenham uma formação sobre “gênero e diversidade na escola” para que possam desconstruir essas discriminações de gênero na Escola e esse preconceito contra a diversidade,

e dessa forma abrir caminho para uma sociedade sem preconceito, mais justa e tolerante.

Nesse sentido, é preciso ter professores preparados para podermos ter uma escola sem preconceito, no qual os homossexuais, gays, lésbicas, transexuais, travestis etc. possam sentir-se seguros e respeitados, e que todos possam ter os mesmos direitos independente do gênero, como por exemplo, a participação das mulheres na quadra jogando futebol, e que a escola possa ser um espaço de construção da cidadania, de propagação de valores de igualdade, respeito, solidariedade, etc. para que não haja dentro da escola espaço reservado de acordo com o gênero.

Na sociedade a desigualdade de gênero ainda é muito forte, como por exemplo, as mulheres receberem menos que os homens na mesma atividade. O modo de se vestir dos homens, andar, falar, fazer a sobrancelha, cabelo, pintar as unhas são logo visto como “mulherzinhas”, como uma forma “[...] de reafirmar a masculinidade também desenvolvem um desprezo por tudo aquilo que possa ser caracterizado como feminino” (FELIPE, 2007, P.83).

Logo cedo, a divisão das cores de acordo com o sexo, a cor do quarto diferentes para cada sexo, já vai estabelecendo as diferenciações. Diferenciações que são impostas inicialmente pela família, desde a gravidez, quando se começa a comprar o enxoval. Portanto,

Na família, assim como na escola, é fundamental que as pessoas adultas, ao lidarem com crianças, percebam que podem reforçar ou atenuar as diferenças de gênero e suas marcas, contribuindo para estimular traços, gostos e aptidões não restritos aos atributos de um ou outro gênero. (BRASIL, 2009, p. 48).

Essas diferenças são reforçadas tanto pela família como pela sociedade, quando se dá uma boneca para meninas, é como se estivesse mostrando seu papel na sociedade que seria ser mãe e cuidar da casa, e para meninos roupas de lutas, espadas que reforça por um lado a fragilidade da mulher e por outro a força do homem demonstrado pela luta, como afirma BRASIL (2009, p. 49):

Oferecer aos meninos e aos rapazes apenas espadas, armas, roupas de luta, adereços de guerra, carros, jogos eletrônicos que incitem à violência é facultar como único caminho para a sua socialização a agressividade, o uso do corpo como instrumento de luta, a supervalorização do gosto pela velocidade e pela superação de limites. Ou ainda, de modo mais sutil, oferecer apenas aos meninos bola, bicicleta e skate, por exemplo, indica- lhes que o

espaço público é deles, ao passo que dar às meninas somente miniaturas de utensílios domésticos (ferro de passar roupa, cozinha com panelinhas, bonecas, batedeira de bolo, máquina de lavar roupa etc.) é determinar-lhes o espaço privado, o espaço doméstico.

A sociedade geralmente está impondo um certo papel ao homem e à mulher, estabelecendo como cada um deve se comportar, negando a mulher os mesmos direitos que os homens na sociedade. O trecho abaixo ilustra muito bem essa questão:

Que a mulher se guarde o máximo possível, retardando a iniciação sexual; que seu leque de experimentação sexual seja reduzido, não chegue próximo ao dos homens, para não serem chamadas de 'galinhas'; que não seja 'atirada', embora a mídia ressalte a sensualidade dos corpos femininos; que tenha o casamento e a maternidade como horizonte próximo. (BRASIL, 2009, p. 52)

Por outro lado é exigido pela sociedade de forma machista que homens sigam um modelo social que é negado às mulheres, colocando as mulheres em uma posição com várias restrições, quando comparada aos homens. Do homem, espera-se que

[...] antecipe o máximo possível a primeira experiência sexual; o prazer de reunir múltiplas experiências sexuais, às vezes simultâneas; um apetite sexual intenso como prova de sua virilidade, estimulada desde pequeno por homens próximos a ele quando apontam o corpo de mulheres na TV ou nas ruas; certo desprezo pelo cultivo dos sentimentos amorosos. (BRASIL, 2009, p. 52)

As mulheres e os homens que não se encaixam nessas regras podem ser fortemente criticados pela sociedade como, por exemplo, as mulheres podem ser chamadas de "putas" e "galinhas", enquanto que os homens são chamados "bichas", "veados", "mulherzinha", "maricas". Há também diferenças nas escolhas das profissões para ambos os sexos como, por exemplo, os homens com pouca escolaridade cabem aos rapazes serem [...] "office-boys, motoboys, operários da construção civil ou da indústria, trabalhadores no transporte de cargas, motoristas, trabalhadores rurais, vendedores ambulantes". Enquanto isso, para as mulheres com pouca escolaridade são orientadas a serem [...] secretárias, copeiras, auxiliares de serviços gerais, ajudantes de cozinha, recepcionistas, empregadas domésticas, babás, faxineiras" (BRASIL, 2009, p. 52 e 53).

Observa-se que durante anos mesmo quando as mulheres começaram a ingressar na universidade, espaço que era reservado aos homens, era comum a escolha das profissões de acordo com o gênero, ou seja, para as

[...] mulheres eram reservadas às carreiras existentes nas ciências sociais (enfermagem, terapia ocupacional, fonoaudiologia, nutrição) ou humanas (psicologia, educação, letras, serviço social, história, artes etc.). Essas profissões são tradicionalmente voltadas para o ensino e o cuidado do outro, atributos tidos como femininos.

[...] As escolhas dos homens continuam a ser orientadas para as ciências básicas (física, química, biologia), para as engenharias, a economia, as informáticas, a administração de empresas, o mercado externo (comércio exterior, relações internacionais), dentre outras áreas tidas pelo senso comum como as mais propensas aos homens. Mesmo em contextos de reconhecida presença de ambos os sexos, por exemplo, uma agência bancária, observe como estão distribuídos os funcionários homens e mulheres nas diferentes seções da agência, desde a segurança e o serviço de café até a presidência do banco. (BRASIL, 2009, p. 53).

São diferenças de gênero que ao longo do tempo vem se modificando com as lutas dos movimentos feministas, que lutam pela igualdade de gênero, para que a mulher não possa ser mais vistas como sexo frágil, alguém incapaz de exercer as mesmas atividades que os homens ou ter igualdade de salários na mesma função.

Embora o movimento feminista tenha se iniciado no século XVIII, foi na segunda metade do século XIX que surgiu com maior força o movimento social designado pelo título de feminismo. (BRASIL, 2015, p. 31). Sobre isso, Rossi et al. (2012, p. 9) destacam:

O Brasil também foi afetado pelo movimento feminista do fim dos anos 70, que rejeitava o determinismo biológico para tratar de sexo ou de diferença sexual, possibilitando outra maneira de olhar homens e mulheres, a partir de um novo conceito: a identidade de gênero, uma construção social. A partir dessa nova concepção estudiosos/as, pesquisadores/as e líderes do governo passaram a disparar estratégias para a sociedade conhecer, entender, problematizar e respeitar as minorias culturais, inclusive as de gênero, bem como percebê-las e respeitá-las nas várias instituições sociais, dentre as quais a instituição escolar.

Como mostra Brasil (2009, p. 67), esse movimento é considerado por importantes analistas sociais como o responsável pelas grandes mudanças ocorridas na segunda metade do século XX:

Este movimento foi capaz de demonstrar à sociedade que as discriminações incidiam sobre as mulheres desde a sujeição feminina aos desígnios da autoridade masculina no ambiente doméstico até as situações de guerra, nas quais as mulheres são vulneráveis a mutilações, a estupro e a abusos de toda ordem. O movimento feminista também possibilitou questionar a divisão sexual do trabalho, caracterizada pela desigual repartição de tarefas e de poder entre homens e mulheres, presente nas diversas sociedades.

Ao evidenciar a inferiorização da mulher na sociedade, destacando as contradições, o movimento feminista acabou expondo as desigualdades de gênero em várias esferas, como podemos ver abaixo:

No mercado de trabalho; na organização da vida política; no ordenamento jurídico da sociedade; na produção de conhecimentos científicos; em escolas, serviços de saúde, sindicatos e igrejas (nas diferentes religiões, com algumas exceções, como é o caso das religiões de matriz africana, as posições de liderança são majoritariamente ocupadas por homens, embora as mulheres representem boa parte dos fiéis). (BRASIL, 2009, p. 68).

O mesmo também tinha por objetivo reivindicar o direito do voto e à educação para as mulheres, outras demandas importantes reivindicadas pelo movimento. E nessa direção de lutas por direitos, foi reivindicando também o acesso a “[...] carreiras antes totalmente interdidas a elas, como a medicina, direito, entre outros”. (BRASIL, 2015, p. 3).

Muitos argumentos foram utilizados durante muitos anos para justificar a desigualdade entre homens e mulheres, como por exemplo,

[...] que as mulheres, por terem menor força física, dependeriam do trabalho dos homens para sobreviver, e, além disso, como elas teriam seu destino marcado pela maternidade, isso também as tornaria dependentes dos homens. Outras noções também assinalavam que os homens teriam maior inteligência, que as mulheres estariam mais sujeitas aos sentimentos e emoções, enquanto que eles seriam mais racionais, e outras coisas assim. (BRASIL, 2015, p. 33)

O mais impressionante é que todas essas diferenças eram “cientificamente comprovadas”

[...] por meios variados, desde as medidas do crânio, o peso da massa encefálica, a discriminação da qualidade de hormônios de cada tipo presentes nos organismos, enquetes, e mais recentemente, pesquisas envolvendo os cromossomos e o DNA. (BRASIL, 2015, p.33)

As diferenças de ordem sexual entre homens e mulheres são inegáveis, quando estão em questão, a exemplo das características cromossômicas, genéticas ou hormonal, entretanto o que é ressaltado é que essas diferenças não podem ser usadas para submeter às mulheres a tantas diferenças de prestígio social, como foram durante muitos anos, de forma machista. (BRASIL, 2015).

Sendo que o machismo se manifesta de várias formas,

[...] desde uma palavra que ofende, menospreza e/ou inferioriza a pessoa pelo fato de ser mulher, até formas de violência mais graves, como a violência física, sexual e patrimonial. Muitas vezes, o

machismo está sutilmente colocado em piadas, expressões culturais, musicas, falas e tons de falas que implicitamente (ou nem tão implicitamente assim) partem do princípio de que as mulheres são mais frágeis, incapazes de determinados feitos, menos inteligentes para algumas habilidades. (BRASIL, 2015, P. 58)

Já quando se trata em diversidade, as diferenças geralmente não são concebidas positivamente no país. A diversidade quando está posta em discussão, os preconceitos não demoram a aparecer, como por exemplo,

Um jovem gay, agredido porque andava de mãos dadas com seu companheiro, pode ouvir, mesmo dos que reprovam ações violentas, frases do tipo: 'Tudo bem ser gay, **mas** precisa andar de mãos dadas em público, dar beijo?!'

Uma mulher vítima de estupro, ao sair de uma festa, poderá ouvir: '**Mas também...** o que esperava que acontecesse, andando na rua à noite e de minissaia?' (BRASIL, 2009, p. 19).

São formas de discriminação bastante comuns na nossa sociedade, no qual ao mesmo tempo em que as pessoas afirmam não ter preconceito por determinadas pessoas, ditas como "diferentes" dos padrões considerados normais pela sociedade, elas estão afirmando seu preconceito, como foi citado acima. Muitas vezes, as pessoas agem culpabilizando as que são tidas como "diferentes" pelas discriminações que sofrem. Para essas pessoas é mais fácil o diferente se adaptar ao "normal" do que esses ditos como normais respeitarem e aceitarem o diferente.

Da mesma forma ocorre o preconceito com as mulheres, não é porque elas usam roupas curtas que elas devem ser estupradas, ou mais especificamente, estão pedindo para serem estupradas. O que ocorre é uma falta de respeito com as mulheres, no qual o homem para justificar seus delitos culpam as mulheres por usarem minissaias, por estarem em altas horas na rua etc. É importante ressaltar que "A convivência com a diversidade implica o respeito, o reconhecimento e a valorização do/a outro/a, e não ter medo daquilo que se apresenta inicialmente como diferente." (BRASIL, 2009, P. 31).

Por isso, a importância e a necessidade de se tratar sobre a "[...] problemática de gênero da diversidade sexual e das relações étnico-raciais, ou seja, abordar em conjunto a misoginia, a homofobia e o racismo" nas escolas para que os alunos possam desenvolver uma visão mais crítica a respeito dessas questões. (BRASIL, 2009, p. 12).

O ambiente escolar é um dos espaços em que essas diferenças são percebidas com mais intensidade, onde

É no ambiente escolar que crianças e jovens podem se dar conta de que somos todos diferentes e que é a diferença, e não o temor ou a indiferença, que deve atiçar a nossa curiosidade. E mais: é na escola que crianças e jovens podem ser, juntamente com os professores e as professoras, promotores e promotoras da transformação do Brasil em um país respeitoso, orgulhoso e disseminador da sua diversidade. (BRASIL, 2009, p. 34)

A incorporação da diversidade na agenda política é um elemento importante para a transformação do país, o que pressupõe a própria transformação da sociedade. Isso significa que a sociedade

[...] deve ir além da ideia de “suportar” o/a outro/a, tomada apenas como um gesto de “bondade”, “paciência”, “indulgência”, “aceitação” e “tolerância” de uma suposta inferioridade. É de extrema importância que sejam respeitadas questões como a obrigatoriedade de reconhecer a todos e todas o direito à livre escolha de suas convicções, o direito de terem suas diversidades físicas, o direito de comportamento e de valores, sem qualquer ameaça à dignidade humana. Daí, podemos concluir que não basta ser tolerante; a meta deve ser a do respeito aos valores culturais e aos indivíduos de diferentes grupos, do reconhecimento desses valores e de uma convivência harmoniosa. (BRASIL, 2009, p. 31).

Quando falamos da diversidade sexual, as pessoas negras e pobres sofrem mais preconceito do que os brancos e ricos. Dependendo da cor e da classe em que se encontra, a reação diante de alguns comportamentos serão mais amena do que noutras situações:

Por exemplo, ser gay com identidade masculina é mais tolerável que ser ‘gay afeminado’; ser afeminado e rico é mais tolerável do que ser gay e pobre; ser gay, pobre e branco é mais tolerável que ser gay, pobre e negro; ser gay e negro é mais tolerável que ser lésbica e negra. Muitas travestis sofrem múltiplas formas de discriminação e violência não só por serem classificadas como homossexuais, mas também pelo fato de serem pobres e, principalmente, por assumirem uma identidade de gênero que contesta o binarismo homem/mulher, colocando-se à margem da afirmação de uma identidade sexual única: são ambas as coisas e, ao mesmo tempo, nenhuma delas. (BRASIL, 2009, p. 131).

As “[...] diferenças de identidades de gênero são evidenciadas no corpo, nas roupas, nos brinquedos, nas cores, nas formas de tratamento, nas exigências de comportamento e nas expressões corporais de meninos e meninas”. (BRASIL, 2014, p. 121).

Enfim, concordamos com o posicionamento de Digiovanni, Amaral, et al. (2010, p. 80) quando dizem que “A diversidade, é uma característica dos seres humanos e envolve as qualidades humanas diferentes das nossas e estranhas aos

grupos aos quais pertencemos”. Essa diversidade não pode ser vista sobre um olhar “etnocêntrico”, ou seja, não podemos julgar os demais grupos a partir do grupo do qual fazemos parte, mas sim, podemos ver os demais grupos partindo do ponto que existe uma diversidade, e que essas diferenças precisam ser respeitadas da mesma forma que os grupos ditos “normais” querem o respeito dos demais grupos.

### **3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS DO CDSA/UFCG: GÊNERO EM DISCUSSÃO**

Apresentamos nesta seção os resultados e as análises de nossa pesquisa, iniciando pelo percurso metodológico utilizado, o que abrange a abordagem metodológica, as pessoas/sujeitos entrevistadas/os, a técnica utilizada para a construção/coleta dos dados. Em seguida, apresentamos os dados e as análises correspondentes.

#### **3.1 Abordagem metodológica**

Este trabalho foi realizado com base metodológica na pesquisa exploratória de caráter qualitativo, com a utilização da técnica de entrevista semiaberta. Segundo Gil, (2012, p. 27) as pesquisas exploratórias têm por objetivo “[...] desenvolver esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais preciosos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Esse tipo de pesquisa tem por objetivo proporcionar uma maior familiaridade, especialmente quando o tema é pouco explorado.

De acordo com SEVERINO, (2007, p. 124), a entrevista é uma

[...] técnica para coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. (...) no qual há um contato entre pesquisador e pesquisado, na busca de “apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam”. SEVERINO, (2007, P.124)

Para Minayo (2010, P. 261), a entrevista “[...] é, acima de tudo, uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador”. A opção pela técnica de entrevista semiaberta, já que ela permite uma flexibilidade no processo de construção dos dados, uma vez que novas informações podem ser suscitadas no decorrer da entrevista, isso permite que a/o entrevistadora (o) insira novos elementos no roteiro preestabelecido.

### 3.2 Sujeitos da pesquisa

Para a escolha das pessoas entrevistadas optamos pelas educandas e educando matriculados no Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais, ou seja, que estão na fase de conclusão de sua formação. Os critérios de escolha foram pensados de acordo com a abordagem qualitativa de pesquisa, que orienta priorizar como sujeitos pessoas que poderiam dar respostas mais críticas, contextualizadas, que demonstrassem mais experiência no conteúdo em pauta etc. Buscando atender a estes critérios, recorreremos ao professor e coordenador até então do curso, no sentido de nos ajudar a escolher pessoas que se destacavam mais na questão de gênero.

Para tanto, identificamos três sujeitos, jovens, na faixa etária de 22 a 23 anos, que durante a sua formação acadêmica demonstraram uma sensibilidade e experiência teórica e prática com relação à temática proposta neste trabalho. O Paulo<sup>2</sup>, por exemplo, foi aluno bolsista do Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), e na sua experiência, em sala de aula, trabalhou a questão de gênero. Este aluno participou também do GUETO, Grupo de Estudo em Etnografia e Pesquisas Urbanas, que é um grupo de estudos e pesquisas etnográficas em grupo ou individuais sobre determinado tema.

Yasmim, assim como Paulo, participou do GUETO e do PIBID e trabalhou a temática de gênero em sala de aula. Kemilly, em suas experiências acadêmicas, também trabalhou a questão de gênero em sala de aula, na condição de aluna bolsista do PIBID, nas atividades do GUETO, sendo integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEGES).

Para coleta dos dados realizamos uma entrevista semiaberta, por meio de um roteiro, de forma que pudesse orientar o trabalho de coleta de dados. No roteiro utilizado, buscamos identificar as opiniões dos entrevistados sobre o tema tratado neste trabalho monográfico, considerando principalmente suas experiências e vivências na academia, assim como nas atividades a ela relacionadas.

Na primeira questão, buscamos averiguar se existe um tratamento diferenciado em relação aos homens e as mulheres nos diversos âmbitos sociais, tentando captar, em suas falas, a existência ou não de papéis diferenciados. Na

---

<sup>2</sup> Os nomes utilizados neste trabalho são fictícios, buscando manter os sujeitos da pesquisa no anonimato...

possibilidade de a resposta ser positiva, perguntamos ainda se a/o entrevistada/o poderia explicar como essa diferenciação é construída e/ou reproduzida na sociedade.

Nesse sentido, Paulo, de 22 anos, afirma que

Sim, muito. Acho que... Ela é construída a partir de um contexto histórico, que já vem de muito tempo, e a gente percebe nos mais diversos âmbitos, seja ele do trabalho, das escolas, das universidades. Citando por exemplo, o âmbito do trabalho a gente percebe que mulheres trabalham as mesmas quantidade de horas de homens e ganham salários inferiores, os homens na vida geral, homens podem fazer certos tipos de coisas, como por exemplo aparecerem em público sem camisas. Mulheres não podem porque isso é considerado uma grave quebra da moral, então a gente percebe que desde de coisas simples, coisas do dia a dia, até coisas mais, mais vamos dizer assim, instâncias maiores da sociedade, a gente percebe como o papel do homem e da mulher são bem definido e nas, nos, nos principais e quase em todos os casos podemos dizer assim, o homem sempre sai ganhando ou sempre sai por cima da mulher, como se a mulher fosse inferior. E é isso<sup>3</sup>.

Em acordo com Paulo, constatamos que a desigualdade é mais comum do que se imagina, ou seja, que o poder do homem sobre a mulher, a submissão da mulher, demonstra um poder que está o tempo todo empurrando a mulher para um lugar inferior na sociedade, e que parte das pessoas naturalizaram isso.

Sobre essa questão do tratamento diferenciado, Kemilly, 22 anos, afirma que é uma realidade, e vai além, afirmando que se trata de uma questão de desigualdade

[...] de gêneros, entre Homens e mulheres, basicamente, tá relacionado sistema Patriarcal que a gente vive. Então, no dia a dia mesmo a gente percebe a naturalização, a reprodução do patriarcado, principalmente do machismo no dia a dia. Então, seja, em casa de como é que arruma, como é que seus pais vão criar os seus filhos, né? Tem todo aquele contexto como é que eles vão criar que é o primeiro espaço de socialização, tem a questão, principalmente a questão do trabalho também, né? Das diferenças, das desigualdade que existe entre homem e mulher. Acho que hoje tá mudando muito mais, né?, através tanto do feminismo.

Da mesma forma, Yasmim, 23 anos, afirma que existe muita desigualdade entre homens e mulheres, e que a mulher quando é vista em situações que é comum aos homens é julgada de forma negativa, enquanto que para o homem e visto de forma positiva, veja:

---

<sup>3</sup> Todas as falas foram mantidas a linguagem original.

As imagens que são adotadas por homens é sempre do lado positivo, enquanto que para a mulher é do lado negativo, outro exemplo também é, é o comportamento das mulheres e dos homens numa festa. Se uma mulher ficar bêbada na festa, ela vai ser chamada de vadia e outros adjetivos, enquanto que o homem ele se acha que tá fazendo uma coisa muito bonita na festa que é o garanhão pegador (risos).

Dessa forma, percebe-se que a sociedade ainda reserva lugares e atitudes referentes a cada gênero e isso ainda é reforçado dentro da escola na sala de aula pela Professora/o, como afirma Yasmim

[...] existe aquelas repressões, né? Da, da professora com, com a menina que se sentasse de maneira que eles consideram errada, sabe? Se tiver sentada com a perna aberta ele vai chamar atenção: 'fecha essas pernas', se o menino tiver sentado com as pernas cruzadas ou tá sentando igual a menina, tanto na escola das crianças pequenas, como no ensino médio, porque no ensino médio se o professor não chamar atenção o colega do lado vai fazer algum tipo de repressão, por ele tá sentando dessa forma.

A desigualdade de gênero é mais comum do que se imagina, não só dentro da sala de aula, mas nas dependências da escola, como por exemplo, nas brincadeiras referentes a cada gênero como afirma Paulo,

Brincadeira de menina e brincadeira de menino, isso é uma coisa que eu sempre tive raiva, porque quando eu estudava, eu odiava jogar bola, e as meninas jogavam vôlei eu qui eu amava jogar vôlei, só que eu não podia porque eu era menino, e menino tinha que jogar bola e as meninas vôlei e eu odiava isso, essa separação.

Na questão seguinte, considerando a trajetória escolar dos entrevistados, assim como as experiências vivenciadas no PIBID, nas disciplinas de estágio ou noutras atividades acadêmicas relacionadas ao espaço escolar, perguntamos se é possível identificar situações de preconceito e discriminação de gênero dentro da escola. Nesse sentido, Paulo afirma que,

Sim, muitas vezes, a gente, pelo menos quando eu fui do PIBID, fiz meu estágio, a gente, eu sempre presenciei muitos casos de meninos que ficavam denegrindo a imagens das meninas, e eu já cheguei a presenciar até um caso que um aluno ficou compartilhando foto de uma aluna nua, e aí a imagem que se criou dessa aluna dentro da escola foi aquela imagem negativa, que ela era puta, que ela era vadia, que ela ficava se oferecendo e quanto à imagem do menino, que espalhou a imagem, ele, ninguém disse nada com ele, ninguém reclamou nada com ninguém. Então, eu sempre percebi essas diferenças entre homens e mulheres dentro da escola e a escola é um ambiente que ainda está muito presente e ainda é muito forte.

Percebe-se, dessa forma, que as percepções diferenciadas vão colocando a mulher em situação de desvantagem, uma vez que, por meio de uma ação desrespeitosa, a aluna foi exposta de forma constrangedora e interpretada de forma depreciativa, demonstrando, assim, que a mulher ainda vive sob vigilância constante, que os olhos da sociedade estão o tempo todo voltados para ela. Quanto à ação do aluno, reação alguma é percebida no relato, o que reforça a sua atitude, assim como o machismo que impera na sociedade. Neste momento, seria importante problematizar tal situação, uma vez que a escola pode desconstruir esse tipo de comportamento.

Em situações semelhantes, mas supondo que fosse a aluna quem fizesse a divulgação das imagens do rapaz, como seria a repercussão? Como vimos na fundamentação teórica, os dados apontam para um outro tipo de percepção, ou seja, a sociedade iria reprovar, de imediato, a atitude da aluna, o que é compreensível. Entretanto, isso demonstra, por um lado, que a mulher está sob vigilância constante, quando comparada aos dos homens que quando é exposta a culpa é da mulher por não se preservar é não do homem por expô-la.

Dessa forma, percebemos que a desigualdade de gênero está presente dentro da escola das mais variadas formas, sejam, numa brincadeira de mau gosto, ou até mesmo brincadeiras incentivadas pela própria escola como afirma Yasmim,

[...] ela ainda produz esse tipo de, de, de diferença né? E na escola as crianças também existem sempre as brincadeiras de meninos e menina e que eles nunca podem brincar juntos, e quando é dias das mães geralmente os presentes que são dados as mães é sempre uma flor, uma toalha bordada né?

Quando se fala no dia das mães, a escola logo providencia flores de papel para as crianças darem as mães, e porque não darem aos pais? Os homens podem ser tão sensíveis quanto às mulheres, sem que isso possa interferir na sua sexualidade.

Kemilly, assim como Paulo e Yasmim, afirmam haver preconceito de gênero dentro da escola, destacando determinadas atividades nas aulas de Educação Física. Para ela, algumas atividades são direcionadas de acordo com o gênero, sem justificativa alguma, gerando alguns questionamentos, tais como: por que as meninas não podem jogar bola e os meninos não podem pular corda? Como afirma Kemilly

Isso eu diria que sim existe sim, mais eu não vou dizer não vou ter propriedade pra confirmar isso, só que pelo menos enquanto eu trabalhei no PIBID durante esses dois, [...] anos a gente trabalhou a questão de gênero na escola. [...] Vamos pensar na escola na questão do ensino infantil, ali claramente vai tá, exposto é, e a divisão das brincadeiras entre meninos e meninas, vai tá claramente ali, quais são os espaços que o menino vai brincar né? brincar de bola, de carrinho, quais são os espaços que as meninas vão tá também, então acho começa ali. [...] nas aulas de educação física né? O professor de educação física querendo ou não, na aula dele, vai ter os esporte né? e vai ter aquela divisão clara né? Os meninos vão jogar bola, e as meninas vão jogar vôlei, pular corda ou fazer alguma coisa, isso a gente observa desde o ensino fundamental e é uma coisa que a gente não questiona, porque os meninos jogam bola e a gente não? e as meninas não, e apesar que tem menina que tem vontade de jogar bola mas acaba havendo aquela separação qual seria a visão do professor de educação física com isso? pelo menos a gente de sociologia a gente trabalhou de acordo com outra perspectiva, mais que tem sim, e por exemplo a gente da sociologia, acaba trabalhando essa questão de gênero né? Sexo na escola não como uma ideologia de gênero, e sim como, um tema que é transversal, mas que é importante trabalhar, só que nem todos os professores pensam isso né? Então nem todos Professores tem consciência que deve ser discutido isso, então é isso.

Os professores precisam ter essa sensibilidade e trabalhar gênero dentro da escola, não apenas nas disciplinas de Sociologia, Ciências, História etc., mas também noutras áreas do conhecimento, numa perspectiva de totalidade. Essa separação que é observada na disciplina de Educação Física é prejudicial para as relações de gênero, uma vez que contribui para a manutenção da realidade como está.

Por isso a escola tem um papel importante na busca de desconstruir esses tipos de preconceito. Quando se fala em debater gênero dentro da escola, não basta o professor debater com o aluno, tem que ser mais que isso, como por exemplo, fazer eventos que possam não só abranger a escola, mas toda a sociedade. Que a escola esteja aberta à população porque não basta conscientizar os alunos sobre a desigualdade de gênero, se a sociedade e os próprios pais ainda vivem em um mundo em que as mulheres não podem exercer as mesmas atividades que os homens, ou vice-versa. Para isso, não basta só os professores estarem preparados para lidar com isso, mas todos que fazem parte da escola, desde a diretora até os auxiliares de serviços gerais, para que não eduquem meninos e meninas de forma desigual. Pois, todos têm um papel importante na busca de construirmos uma sociedade igualitária, como afirma Paulo,

Acho que principalmente a escola tem que aprender, e tem que trazer mais debate sobre gêneros, porque pra desmistificar essa ideia que se tem sobre gênero qui... muitas vezes, e que agora surgiu muito forte essa, ideia de de ideologia de gênero que muitas pessoas criaram, como se isso fosse uma coisa ruim, e... eu acho que é trazer mais assuntos debates dentro das aulas, dentro dos outros espaços da escola, porque a escola não só é a aula, a escola tem outros espaços de socialização, a escola tem outros tipos de pessoas qui, qui, estão dentro dela, não só alunos e professores, mas também tem a direção, tem funcionários, a própria sociedade que convive com a escola, eu acho que nesse processo de desmistificação, esse todo esse pessoal tem que tá incluído, porque não adianta de nada eu chegar por meu aluno, e debater gênero com meu aluno, só que... Quando ele chegar em casa ele não debate com a família e ai eu, eu como professor não trago uma atividade que também possa debater com essa família, porque eu joga o meu aluno, mas eu não joga na família dele essa, esse, esse debate e ai fica essa ideia dispersa de dois mundos diferentes.

Da mesma forma, Yasmim afirma a importância do debate, mas, para isso o professor precisa estar preparado também, aliás, não só os professores, mas a diretora enfim, todos que fazem parte da escola.

E também poderia existir um dia na semana, onde é, é toda sem o alunado só com a equipe escolar gestão toda, que fosse organizado tipo um minicurso sobre gênero, pra todo mundo debater não só os professores de Sociologia, mas de Matemática, a diretora porque a gente sabe sempre, sempre tem os professores que não concordam, alias não é pra concordar, mas que respeitasse e que tirasse aquela ideia da cabeça que gênero tá ensinando a criança a ser gay, que muitos tem essa ideia. Que nem sempre conhece o que é gênero, né?

Muitas vezes por não conhecer o que é gênero, começa a falar que gênero é uma coisa ruim, que meninos e meninas têm que serem criados de forma diferente, ressaltando dessa maneira os papéis diferenciados para homens e mulheres na sociedade. Mas para isso precisa ser trabalhado na sala de aula, sendo assim precisa também estar sempre presente no livro didático, pois nem sempre a temática de gênero está presente, como afirma Kemilly,

Eu acho que começando a trabalhar a questão de gênero, em dois mil e quatorze, por exemplo, numa experiência nossa do PIBID, no livro didático que a gente tava trabalhando, que é o livro Tomazzi, não tem gênero no currículo, não tem gênero no livro, como tema, pra ser trabalhado, não tem. Por que a gente trabalhou gênero? Porque a gente sentiu a necessidade de trabalhar aquele tema, e nós do PIBID, juntamente com a professora supervisora da escola, a gente recorreu a outras bibliografias fora o livro didático. Pegou outras referências, até mesmo no livro de Giddens [...] Então, quando a gente trabalhar essas diferenciações de gênero e sexo, com os

alunos, a gente vai partir através das percepções dos alunos, então os alunos que vão falar de acordo com o conhecimento deles através, então vai ter essa linha né? então a gente trabalhou através de outras bibliografia não tema mas, até ano passado nesse livro novo de sociologia em movimento já veio com o tema gênero já, [...] a gente trabalhou a questão da representação da mulher no poder, então a gente trabalhou essa questão, a gente trabalhou com teoria com os alunos na sala de aula né? Da divisão o que é gênero deu exemplo através da realidade dos alunos, trabalhou a questão, também o contexto da historia da mulher né? das desigualdades, entre homens e mulheres, até chegar na realidade local do aluno que foi quando a gente pensou na questão de como é a representação feminina no poder no município de Sumé, com os alunos né? então como é que eles viam isso, através dos exemplos que eles davam, se eles viam a participação feminina no poder, ou em algum de cargo politico, público, na qual esteja a mulher né? A gente partiu através disso e a gente fez o que? que os alunos fossem pesquisar essa questão então através disso, eles trouxeram, e fizemos um momento de culminância que é o momento final depois, do, das aulas teóricas, foi um momento de culminância na escola junto com todas as outras turmas, teve um momento que a gente do PIBID em especial o PIBID junto com a turma de sociologia, a gente fez uma exposição, com imagens, o tema era é, é era direitos humanos, desigualdade de gênero, e no, no quadro das exposições que escola a primeira vereadora de Sumé esteve presente também, uma representante de uma associação aqui de Sumé esteve presente num momento de palestra foi um momento pra escola mesmo. Ano passado, a gente trabalhou a questão é, é dos jogos olímpicos, esporte, na escola, mas retratando a questão de gênero dá desigualdade de gênero no esporte, então a gente também nesse contexto todo né? Teoria com os alunos e tentando representar através da, do conhecimento deles se eles viam diferenças, se eles viam diferenças nessa parte de divisão de papel de menino e menina na escola através dos esportes na aula de educação física e eles relataram falando que sim, a gente perguntou se eles viam diferenças é vamos falar papel né? do menino e da menina na escola né? e eles relataram que sim e também em casa né? [...] no tempo que estava trabalhando a questão do esporte a gente, a gente fez uma aula de campo com eles, falando pra eles, pesquisar quais eram os esportes de Sumé, que eles viam a participação feminina que as mulheres participava do esporte né? então tem um time aqui de Sumé um time feminino aqui de Sumé ou são dois time ai os alunos foram fizeram entrevista e conheceram [...] os alunos entrevistaram as meninas do ciclismo, então todos os esportes que ocupavam as mulheres né? eles foram atrás fizeram [...]No momento final, na escola, teve esse momento de culminância com todos os terceiros anos, juntos que a gente fez a inscrição essa foi terceiro ano então, todas as turmas do terceiro ano estavam reunida nesse dia, e cada turma fez sua apresentação com esporte que eles trabalharam, apresentaram, fizemos... sim, na sala de aula também a gente trabalha com musica, que retrate essa divisão, do homem e da mulher [...] também trabalhamos com charges com os alunos também [...].

A desigualdade está presente na sociedade das mais variadas formas e nos seus diversos âmbitos, seja na escola, na política, apesar dos 30% reservados às mulheres nas cadeiras do parlamento. E isso precisa ser evidenciado e problematizado, e deve estar o tempo todo na agenda das discussões da escola, na mídia etc., porque a desigualdade faz parte da nossa realidade.

Quando indagados, se as questões relacionadas ao gênero deveriam ser abordadas na escola, considerando a forma e os conteúdos, assim como a realidade social que temos hoje, obtivemos as seguintes respostas: Yasmim logo afirma,

Com certeza deve ser abordado, porque dentro da escola você vai encontrar um universo gigantesco de várias cabeças vários pensamentos [...] a escola onde as crianças e adolescentes passam a maior parte do dia, deveria ser um local onde debatesse essas diferenças, porque nem todo mundo é igual, todo mundo tem que entender isso também, porque uma coisa é você tá na escola outra coisa é você chegar na escola são realidades diferentes, na escola você pode ter um papo mais aberto enquanto que em casa você se sente, um pouco mais repreendido pelos pais até porque eles também não tem esse tipo de conhecimento que a escola passa, e, e, e a forma que deveria ser abordada foi essa. Ter um debate mais aberto.

O debate ainda é um passo importante na busca de enfrentar a desigualdade e o preconceito, por ser na escola um lugar em que a maioria das crianças passa boa parte do seu tempo, e por ser ela um lugar de diversidade, é também um lugar propício para se debater o preconceito e as desigualdades. Para isso, é preciso também que o/a docente esteja preparado/a para abrir um debate com os alunos mostrando que nem todo mundo é igual e que as diferenças existem para serem respeitadas e não para serem apontadas de forma pejorativas/marginalizadas.

Sobre a possibilidade de abordagem de gênero na escola, Paulo afirma,

Eu acho que é bem importante, bem necessário, debater gênero na escola pra, principalmente a escola é um espaço de socialização onde, se você levar em consideração o tempo que você fica desde criança até adolescente, é um espaço de socialização que você vai tá presente quase qui... toda a sua vida, e aí, você aprendendo esse tipo de conteúdo você tendo contato com esse tipo de conhecimento, quando você crescer, você já vai saber, que certa coisa é errada, ou que certa coisa é certa e aí é uma coisa muito pessoal que eu trago, eu sou gay mais, eu nunca vi gênero na minha escola e eu sempre me achei errado, porque o que eu aprendia era o preconceito que eu sofria das pessoas, eu sempre me achei errado, eu vim me encontrar eu já estava numa universidade aprender que gay não é errado, que ser lésbica não é errado se eu tivesse esse conhecimento na escola quando eu entrei desde da infância, quando eu passei pelo ensino infantil ensino fundamental e ensino médio se esse conhecimento tivesse chegado pra mim com certeza eu não

tinha tido tantos problemas de aceitação quanto eu tinha e aí é uma pergunta que eu faço que um debate que eu trago para minha vida toda, quantas crianças, quantos adolescentes, que estão hoje nas nossas escolas e que são gay e lésbicas, estão lá se achando errados porque a sociedade simplesmente passa essa imagem errada que se tem sobre ser gay, ser lésbicas, ser trans ou qualquer umas dessas categorias? e aí? não é só ser gay lésbicas ou ser trans mas também o próprio papel da mulher ( como a gente debateu aqui), o próprio papel do homem que coloca o homem sempre acima da mulher e aí? Como é que essas crianças vão crescer e absorvendo isso por isso, que eu acho interessante o debate sobre gênero na escola porque ajuda as pessoas a entender o que é um gênero? o que é realmente gênero? Longe de todos esses preconceitos e de todas essas ideologias que as pessoas colocam.

Como se percebe, tanto Yasmim como Paulo afirmam a importância do debate de gênero dentro da escola. Trazendo a questão de gênero para reflexão, é possível que os mais jovens tenham mais oportunidade de aprender, por exemplo, que brincar de bola não é só pra meninos e que ajudar nas atividades dentro de casa não só é trabalho de mulheres, e, assim, vai se constituindo uma nova visão a respeito desse tipo de questão. Os mais jovens vão aprendendo que eles podem fazer as mesmas atividades que elas, brincarem das mesmas coisas, sem que isso possa interferir na identidade sexual e vice-versa.

Da mesma forma, o debate sobre as diversidades é importante, pois permite acessar novas aprendizagens, no sentido, por exemplo, da existência de vários grupos sociais e não só o heterossexual, como se aprende desde cedo com brincadeiras familiares. Pois, como mostra a literatura, as relações cotidianas estão recheadas de direcionamentos que acabam negando a diversidade sexual que se tem. Numa simples pergunta, por exemplo, aparentemente sem preconceito, pode estar reforçando preconceitos: quando se pergunta a uma menina quem é seu namorado ou ao menino quem é sua namorada, nega-se outras possibilidades, podendo ocasionar diversos tipos de preconceitos com os grupos LGBTQTS, já que eles só conhecem como o certo o heterossexual. Mas, para isso, é fundamental que a professora ou professor esteja preparado e que o livro didático contemple esse tipo de questão. De acordo com Kemilly,

[...] em dois mil e quatorze esse tema não tava no livro. A gente levou esse tema pros alunos participaram, né? Sim, ano passado já estava no livro, e também teve outra participação de acordo com outra perspectiva do que a gente tava trabalhando gênero, né? se um tempo a gente trabalhou a questão da desigualdade da mulher, como é que é a questão da mulher no espaço, do trabalho com o homem, ano passado a gente trabalhou a questão da divisão, e da

participação da mulher no esporte, então existe vários outros temas que podem encaixar gênero também, né?, que a gente pode trabalhar, dentro dessas duas experiências.

Considerando que as três pessoas entrevistadas participaram do PIBID<sup>4</sup>. Para eles perguntamos se a temática de gênero foi incluída no trabalho realizado durante a sua experiência no PIBID. Sendo a resposta positiva, procuramos saber se os alunos das escolas participaram das discussões realizadas. Segundo Yasmim, sim

A gente trabalhou dois bimestre com o tema gênero, e... realizamos algumas atividades com os alunos, e dessas atividades a gente publicou, dois artigos em dois congressos. Se não me engano, foram dois. Trabalhamos sobre a gestão de gênero. O primeiro foi... focando a mulher no esporte, aqui na cidade de Sumé, e o outro foi focando a mulher na política, aqui de Sumé. Aí, desde do início, a gente discutiu o processo histórico da mulher do processo das desigualdades e... depois pediu pra que os alunos fossem a campo pesquisar quem era as mulheres que estavam na política aqui em Sumé, pesquisar o histórico dessas mulheres, e a gente construiu... Teve um... projeto multidisciplinar na escola eu não lembro muito bem porque faz alguns aninhos (risos) e desse projeto multidisciplinar a, a ... Sociologia teve o tema central que foi direitos humanos , igualdade, algo desse tipo. Aí, a gente focou em gênero, e abordou sobre isso, sobre a desigualdade, movimento feminista, sobre a mulher no esporte e no poder e em outras áreas que a mulher não é, é muito bem vista né? Que sempre tem aquela separação do trabalho pra mulher e trabalho pra homem.

Como se percebe no relato acima, o processo histórico das desigualdades entre homens e mulheres e as suas conquistas foram destacados, mostrando os diversos espaços de participação da mulher, seja no esporte ou na política. Nesse sentido, é importante dizer que a ocupação das mulheres nos diversos espaços na sociedade foi uma conquista progressiva. O futebol, por exemplo, que era uma atividade masculina, foi se tornando também uma prática feminina, isso numa sociedade em que as mulheres não podiam votar.

Hoje, podemos dizer que existe uma certa flexibilidade, que as mulheres podem jogar futebol, porém ainda sofrem muito preconceito. Da mesma forma, a desigualdade contra as mulheres na política, apesar dos 30% das vagas obrigatórias para se candidatarem às cadeiras do parlamento, a predominância ainda é masculina.

---

<sup>4</sup> PIBID é um Programa de Bolsas de Iniciação a Docência que visa inserir os alunos ainda no início de formação na sala de aula das escolas públicas sobre a supervisão de um/uma professor/a.

Considerando tais questões, reconhecemos a importância das atividades do PIBID na formação do corpo discente do Curso de Ciências Sociais, particularmente nessa temática de gênero. No relato acima, vimos que além do debate, os alunos foram a campo pra ver essa realidade entre homens e mulheres, que ainda é desfavorável para as mulheres.

As escolas estão precisando de mais iniciativas dessa natureza e que não só abranja a escola, mas toda sociedade, pois a conscientização tem que partir também da escola para sociedade.

Da mesma forma, Paulo na sua oportunidade enquanto bolsista do PIBID, trabalhou gênero em sala de aula, como podemos ver no relato abaixo

[...] a gente discutiu muito gênero. E, na escola que eu tava, o projeto pedagógico da escola daquele ano ele era todo voltado nas questões de direitos humanos, e aí a gente sempre ia, a gente sempre tinha atividades relacionadas a gênero, e os alunos sempre participavam muito na produção de cartazes, produziam peças também, eles faziam textos, eles faziam diversas atividades envolvendo gênero, já por conta do projeto pedagógico da escola e também por conta que a gente trazia nos nossos debates a questão de gênero dentro da sala de aula, então e uma participação até, muito boa alguns escreveram alguns artigos, e foi um período bem gratificante pra mim, enquanto estudante de ciências sociais e bolsista do PIBID, porque a gente via, que os alunos realmente estavam interessados no que a gente tava passando em sala de aula. Eu não me lembro muito como era, as peças eram sempre um tema voltado a direito humanos, e aí a gente trazia um caso de... Alguma coisa que aconteceu no caso de alguma coisa que acontecia fazia uma peça baseado naquilo como, por exemplo, no caso de violência doméstica, era a gente trazia isso, e aí era, uma coisa que eu acho interessante, porque a gente não fazia essas peças só pra comunidade escolar, era uma coisa aberta, aí a gente trazia pras famílias deles, pra sociedade em geral, era uma coisa, aberta pra todo mundo, e ainda eu sempre achei interessante isso, por causa como é aberto as pessoas viam, viam como eles estavam debatendo, essa questão da violência doméstica por exemplo, quando a gente fez umas peças e aí, é como eu já disse, a gente tem que abrir esse debate pra, pra as outras pessoas, e não deixar exclusivo pra professores e alunos, e aí quando a gente faz isso desmistifica um monte de coisa, e aí essas peças aconteciam dessa forma, eles apresentavam esse tema, a gente convidava a população em geral pra assistir, e aí, o pessoal já vinha aí olha eu já participei já sofri esse tipo de violência, começa a perceber que não é uma coisa normal, quando a gente traz esse debate pra escola.

Dessa forma, podemos perceber que o primeiro passo foi dado, com o debate em sala de aula, com a participação dos alunos na produção de cartazes, e mais que isso, com a produção de peças, que no caso foi sobre violência doméstica e não ficou restrito apenas ao espaço escolar, mas envolveu a sociedade. A violência

doméstica é um fato que ainda é bastante comum em algumas famílias, seja a violência física, psicológica, simbólica. A violência física é a que tem mais visibilidade, mas o desenvolvimento de processos educativos como os que são desenvolvidos no PIBID contribui para as outras formas de violência sejam problematizadas.

Da mesma forma, Kemilly afirma que a temática de gênero foi incluída no trabalho realizado, enquanto bolsista do PIBID:

Sim. Foi como eu disse: em dois mil e quatorze, esse tema não tava no livro, a gente levou esse tema pros alunos participaram, né? Sim, ano passado já estava no livro, e também teve outra participação de acordo com outra perspectiva do que a gente tava trabalhando gênero, né? se um tempo a gente trabalhou a questão da desigualdade da mulher, como é que é a questão da mulher no espaço, do trabalho com o homem, ano passado a gente trabalhou a questão da divisão e da participação da mulher no esporte, então existe vários outros temas que podem encaixar gênero também né?, que a gente pode trabalhar, dentro dessas duas experiências.

Como podemos perceber, Kemilly trabalhou gênero na sala de aula enquanto bolsista do PIBID, apesar do tema não estar no livro didático da escola, ou seja, isso não foi uma justificativa para não se trabalhar gênero, já que além dos livros que podem abordar a temática, temos também a internet, mídias etc.

Nesse sentido, no tópico seguinte buscamos averiguar como a temática de gênero esteve presente durante a formação dos alunos selecionados do curso de Ciências Sociais, caso ela esteve presente, e quais as contribuições dessa experiência enquanto profissionais que possivelmente vão está dentro da escola se deparando com os preconceitos e as desigualdades de gênero socialmente construídas na sociedade e reproduzidas dentro das escolas.

### **3.3 Gênero: uma pauta indispensável na formação profissional do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais**

A questão da formação que se desenvolve no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, considerando em particular a temática de gênero, foi um aspecto que procuramos contemplar na pesquisa. Nesse sentido, procuramos saber se a/o

entrevistada/o se sentia preparado/a profissionalmente para discorrer sobre as desigualdades de gênero na sala de aula. Assim, Yasmim afirma,

Sim. Assim, mais ou menos, é uma construção não tem como você sair da academia completamente e dizer, assim, tô preparado pra ensinar tudo, pra ensinar tudo. É uma construção, até porque você não sabe o que você vai encontrar lá na escola, dentro da sala de aula, né? A cada dia, você vai convivendo com as pessoas, vai sabendo como é que você vai construindo esse processo.

Apesar de Yasmim, na oportunidade enquanto bolsista do PIBID ter trabalhado gênero dentro da sala de aula, ter levado os alunos a campo para pesquisarem sobre as mulheres na política e no futebol em Sumé, quando perguntado a ela, se ela se sente preparada para discorrer sobre gênero em sala de aula, na sua resposta ela esboça uma certa insegurança quando ela nem afirma e nem nega. Como é um conteúdo amplo e complexo e talvez necessite um pouco mais de experiência, de contato com esse mundo diverso da sala de aula, tudo isso pode ter ocasionado um certo tipo de insegurança.

Da mesma forma quando perguntado a Paulo, ele afirma,

Eu acho que.. eu não estou totalmente e nunca vou estar 100% pra falar sobre gênero, porque gênero é uma coisa que abrange muita coisa e muito complexo e todo dia você aprende uma coisa nova, e aí gênero tá fora desses, desses assuntos que são, assuntos que tem começo meio e fim, e nunca tem um fim. É sempre uma coisa nova, uma construção e eu não digo isso enquanto professor porque eu não fui nem professor, era apenas aluno bolsista do PIBID, mas, eu digo enquanto meu tempo de academia, o que eu aprendi no começo da minha da academia ate chegar aonde eu tô hoje, é uma construção muito grande, e eu todo dia aprendo uma coisa nova. Todo dia tô vendo uma coisa nova, e aí eu percebo que essa forma de tratar esse assunto já é diferente, porque gênero é uma coisa que vem se reinventando todos os dias, não tem como pensar gênero como uma academia fechada de conhecimento, gênero e uma coisa ampla muito complexa.

Pelo relato anteriormente, é notório o reconhecimento que o entrevistado faz sobre a influência positiva da formação do curso de Ciências Sociais na sua vida. Como ele afirma, uma nova aprendizagem a respeito das questões de gênero se despertou, embora ainda presente uma certa insegurança. Talvez essa não seja uma insegurança só dele/dela, mas de vários outros profissionais, por ser um assunto amplo e que está se reinventando a cada dia. Para que as professoras e professores se sintam preparadas/os para debater esses assuntos em sala de aula é necessário que enfrente todo um leque de preconceitos que se criam na sociedade

sobre o comportamento de meninos e meninas, como cada um deve se vestir, brincar, andar, falar etc.

Quando perguntado a Kemilly, ela afirma,

Então, eu tive duas experiências que foram muito importante, eu acho que o PIBID ajudou muito pra isso, eu acho que se não tivesse sido o PIBID se eu tivesse sido uma professora formada. Se não fosse as duas experiências no PIBID eu diria que eu poderia estar despreparada um pouco, sim. Mas, eu acho que depende da realidade de cada Professor, né? Tem professor de sociologia que não acha importante trabalhar gênero, por exemplo, né?

Para essa entrevistada a experiência no PIBID foi um momento importante na sua formação, pois lhe permitiu trabalhar a temática de gênero com os alunos, como por exemplo a participação da mulher na política. Dessa forma enquanto bolsista ela discorreu com os alunos as desigualdades entre homens e mulheres na sociedade.

No sentido ainda da formação, procuramos saber se as pessoas entrevistadas já cursaram alguma disciplina ou participaram de algum projeto ou atividade que abordava a temática de gênero. Sobre isso, Yasmim afirma que

Sim. O NEGES, o NEGES era.. ele aprofundava mais sobre as questões de gênero sobre o papel da mulher, né? Trazia algumas escritoras, alguns autores que abordava esse tema como Ruth Benet, Margaret Mid.

Yasmim era uma integrante do grupo de estudo NEGES<sup>5</sup>, o qual abordava a temática de gênero e da diversidade. Pelo que constatamos no diálogo com Yasmim, a formação desenvolvida por esse grupo de estudos contribui para a construção de uma visão mais crítica e realista das relações entre homens e mulheres, o que seria fundamental na formação de qualquer profissional. Se todos os professores tivessem as mesmas oportunidades, de ter um curso que aborda não só a temática de gênero, mas da diversidade também, seria essencial para ser trabalhado com os alunos dentro da sala de aula, enfim da escola como um todo.

Da mesma forma, quando perguntado a Paulo, ele afirma não ter participado do NEGES, mas participou do GUETO,

Eu participei não do NEGES, eu me escrevi mas não cheguei a participar. Mas, eu participava do GUETO que também trazia assim as abordagens de gênero e algumas disciplinas, que eu participei como a disciplina de gênero e sexualidade, a disciplina de Movimentos Sociais que trazia isso também, e eu acho que as diversas disciplinas o gênero nunca era uma categoria exclusiva da disciplina por exemplo da Sociologia ou de Antropologia, mas sempre

---

<sup>5</sup> NEGES - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade

era trazido o debate, de forma parcial ou de forma superficial, mas sempre houve o debate nas outras disciplinas não eram disciplinas específicas sobre gênero, ou sobre um assunto ou que contemplasse gênero, mas as outras disciplinas sempre trouxeram também o debate de gênero nos seus currículos.

Embora Paulo não tenha participado do NEGES, geralmente ele mantinha o contato com a temática de gênero dentro das disciplinas. Gênero não deve ser um tema pra ser debatido apenas nas disciplinas de Sociologia, mas com interdisciplinaridade com as outras disciplinas, porque a desigualdade de gênero é um problema social e ainda abrange a sociedade em geral, e precisa ser discutida nas demais disciplinas, seja Matemática, História, Português, Educação Física etc.

A discussão a respeito de gênero é um desafio ainda para algumas escolas, como relata Yasmim: “Primeiramente tem que ser aprovado, porque primeiramente tem escola que é proibido o ensino de gênero”. Existe muito preconceito em algumas escolas quando o assunto gênero, talvez pelos preconceitos ocasionados pela falta de informação, tanto pela cultura machista que é percebida também no ambiente escolar, como provavelmente por não existir processos formativos que abordassem essa temática, ocasionando dessa forma o preconceito.

Quando perguntado a Kemilly ela afirma,

Eu paguei uma cadeira optativa, qual foi a cadeira eu não lembro, mas eu paguei uma cadeira que trabalhou a questão de gênero, e, e participei durante um tempo também, durante pouco tempo mais do grupo de estudo de gênero com o Professor Valdonilson, grupos de estudo de gênero e sexualidade participei durante um tempo, um curto pouco tempo. Sim, no GUETO a gente, na verdade, o gueto grupo de estudo em etnografia e pesquisas Urbanas, é e o gueto não tem uma linha, um tema específico de pesquisa, no caso como existe varias identidades de alunos ali, cada um tem seu ramo de pesquisa e, e a gente tenta trabalhar com todos os temas né? é um grupo onde um vai, um vai, ajudar ao outro de acordo com seu tema.

Como podemos perceber, ela participou de vários grupos, além de ter cursado uma disciplina de gênero. Assegura-se que teve a formação, e isso pode ser considerado um indício de que ela pode estar preparada para inserir a temática de gênero dentro das suas aulas, como ela fez na oportunidade que ela teve enquanto bolsista.

Quando perguntado se a formação que é desenvolvida no Curso de Ciência Sociais (CDSA/UFCEG) contempla ou atende satisfatoriamente a temática de gênero, Paulo, afirma,

Eu acho que ainda é, é pouco... Pra um curso de Ciências Sociais qui ta lidando com a sociedade em si e lidando com essas questões mais, mais vamos dizer assim, mais práticas da sociedade, como, por exemplo, gênero trabalho e outras. Por mais que ele que o curso de Ciências Sociais aqui tenha em sua car, no seu currículo, debate sobre gênero eu acho que ainda esse debate ainda é pouco e esse debate quando a gente pensa na cidade de Sumé e na sociedade que esse campus está inserido, esse debate ainda fica muito preso aqui dentro dessa academia dentro das quatro paredes da academia.

O debate de gênero é um debate amplo, que dever ser feito não só dentro da Universidade, mas que leve para a população pra que não fique preso a instituição, e que não seja apenas uma disciplina optativa, mas obrigatória, que todos possam ter o contato com a disciplina de gênero e sexualidade, e não mais como uma opção como ela está sendo ofertada, como afirma Kemilly,

Então tem uma cadeira, eu acho que agora uma cadeira especifica então gênero? Não lembro, então gênero é uma cadeira optativa eu acho que poderia ser uma cadeira é é obrigatória né? é optativa, mas também agora tem o grupo de estudo né? de gênero então já é outra visão que nos temos, uma outra perspectiva de linha que pode ser trabalhado que é muito interessante, muito interessante. [...] Então a optativa acaba ficando qui meio de lado, porque nem todos, acaba sendo opção então vai, optar por aquilo que tiver interesse, o grupo, já é uma vantagem no sentido de que, é um grupo específico para aquele estudo, então ele vai tá lendo um trabalho vai tá, desenvolvendo atividades que vai tá a mostra da Universidade, então já é pra chamar a atenção, no sentido do tema mesmo, [...]. Então por ser optativa, logicamente por ser optativa é uma vantagem porque tá ali no currículo, né? é uma vantagem, sendo obrigatória seria uma vantagem a mais no sentido de que todos que tão se formando em Ciências Sociais são cientistas sociais pelo menos tiveram contato com gênero, trabalharam essa questão, entendeu? Até se for pra sala de aula é é acaba não conhecendo o tema, como é que você vai trabalhar na sala de aula? até porque agora, no, no currículo da escola tem né? no livro didático dependendo da escola, por ser optativa eu diria nem tanto porque nem todos opta por aquilo, entendeu? Mas na questão do grupo eu acho que caba favorecendo também, do grupo de estudo em gênero, mas é uma vantagem né sendo optativa se fosse obrigatória seria mais interessante no caso um tá complementando o outro [...].

Esse tema, não deve ser apenas um tema para ser discutido, trabalhado com alunos de Ciências Sociais, mas das exatas também, porque eles fazem parte da sociedade, convivem com as desigualdades de gênero e com as diversidades, portanto precisam estar preparados para conviver de forma harmoniosa com as diferenças, enfrentando, assim as desigualdades socialmente construídas.

Sobre essa questão, Yasmim acredita que a formação deveria se estender para além do curso de Ciências Sociais e que o debate sobre gênero e outras questões relacionadas à diversidade deveria acontecer também fora dos muros da universidade:

Eu acho pouco, principalmente porque aqui é uma cidade do interior, né?, e que existe muito caso de trans, de violência contra a mulher, e que esse assunto, ele devia ser mais debatido, não só dentro da universidade, mas aqui fora também da universidade. Cidade do interior acontece um pouco de repressão, quando a gente vai falar gênero, quando a gente vai falar sobre gay. E fica mais preso no curso de Ciências Sociais porque, tem os cursos de engenharia os outros demais curso qui... acho que eles não têm muito acesso sobre esses temas, que esse tema não só é voltado pra Ciências Sociais.

Gênero é um tema que deve ser debatido em todas as disciplinas, assim como nos diversos espaços da sociedade já que a desigualdades está o tempo todo em evidência na sociedade e por isso precisa ser desnaturalizo/questionado. Dessa forma, pensando numa educação que transforme essa realidade no subtítulo seguinte buscamos averiguar se é possível as desigualdades de gênero serem questionadas/problematizadas dentro da escola já que, como averiguado na fundamentação teórica ela está presente de diversas formas.

### **3.4 O desafio das práticas pedagógicas para uma educação que problematize as desigualdades e questione preconceitos**

Considerando todas as questões anteriormente, procuramos saber se é possível enfrentar o preconceito de gênero no ambiente escolar. Na possibilidade de uma afirmação positiva, perguntamos se é possível identificar alguma atividade educativa que possa questionar/problematizar e contribuir com o enfrentamento acerca do preconceito de gênero dentro da Escola. Nessa direção, Yasmim afirma:

Eu acho qui, ser combatido totalmente não, mas essa discussão que gênero aborda, faz com que as pessoas abram um pouco a mente e que respeitem a identidade do outro, o espaço do outro, até porque ninguém também é obrigado a concordar com tudo, mas que se tenha o respeito com a outra pessoa que esta do seu lado, a outra pessoa que convive com você diariamente.

Ou seja, o primeiro passo como se vê ainda é o debate, principalmente dentro da escola por ser um lugar de diversidade, onde as diferenças são mais evidentes e

consequentemente os preconceitos estão mais evidentes. As pessoas não precisam aceitar as diferenças, mas respeitar porque nem todo mundo é igual, ou tem que gostar das mesmas coisas, sentar da mesma forma, se vestir da mesma forma, enfim, o respeito deve fazer parte da sociedade como um todo, mas para isso é necessário a participação de todos como afirma Kemilly, no trecho a seguir. Para esta entrevistada é possível que a temática de gênero seja trabalhada na escola,

Porém, porém com a participação de todos, entendeu? Né? Porque a gente da Sociologia vai querer exaltar e trabalhar isso, se não tem a participação da escola como um todo, entende?, da aula de Educação Física se a gente for trabalhar a questão do esporte a gente poderia ter entrado em contato com o professor de educação física e trabalhar isso também, gênero vai tá em todos os ambientes até na aula de matemática vai tá a questão de gênero, então, é uma coisa que deveria ser trabalhado mas a escola como um todo então. [...] na aula de educação física na quadra, nos vídeos, a gente vai ver essa separação exata aí de menino e menina e ninguém fala dessa questão, e quando uma menina vai participar de um jogo do futebol muitas vezes tem preconceito até porque a gente viu relato já de algumas meninas que participa desses espaços dos meninos e sofreu preconceito né? Então começa aí [...] uma forma de encaixar gênero é na aula de educação física, por exemplo, tá explícito a aula de educação física já mostra tudo, lógico que os outros espaços da escola não, não que não seja importante mas, o ponta pé acho que seria isso, mas existe vários outros aspectos que deveria ser trabalhado também.

Da mesma forma, quando perguntado Paulo afirma que,

Eu acho possível sim, e ele já está acontecendo, porque (como Yasmim citou) ninguém é obrigado a aceitar tudo, e nesse de ninguém é obrigado a aceitar tudo as pessoas acabam jogando seus preconceitos e suas maldades, mas a gente tem que respeitar isso também, porque, não adianta nada eu querer falar sobre gênero, e impor a você ou a fulano que acredite que aquilo é uma verdade absoluta, a gente tem que respeitar, mesmo que seja um discurso de ódio eu não posso usar de ódio pra falar sobre, sobre determinadas coisas que não acredita, isso já seria uma contradição muito grande, eu acho que esse enfrentamento está acontecendo, com muitas dificuldades mas está acontecendo. Eu acho que as escolas deveriam trabalhar com outros meios que ela já tem, por exemplo, internet, rádios, televisões se for o caso, eu acho que isso dá uma visibilidade muito boa, e um alcance muito bom, pra se debater gênero.

Se comparamos com alguns anos atrás, hoje, o debate de gênero está ganhando cada vez mais destaque na mídia, alguns negativos, mas estão na mídia. Nós não somos obrigados a aceitar as diferenças, mas somos obrigado a respeitar os demais grupos diferente do nosso, se esses debates já estivessem ocorrendo

dentro das escolas as possibilidades da igualdade de gênero na escola e na sociedade seriam bem maiores, mas para isso o professor precisa está preparado.

Conforme vimos na literatura, a desigualdade de gênero é um fenômeno que vem ganhando destaque nas discussões que vem se realizando tanto na academia, como noutros espaços. Nesse sentido, buscamos saber se podemos perceber avanços rumo a igualdade de gênero. Quando perguntado a Paulo, ele afirma que

Eu acho que foi como (Yasmin citou), eu acho que principalmente dentro da categoria de gênero, quando a gente pensa em gays, lésbicas, eu acho que as questões dos trans, e das pessoas que não se identificam dentro dessas categorias, é um debate muito atual, muito, vamos dizer assim é um debate que a gente traz muito hoje em dia nas questões de gênero, ainda a igualdade não só entre os gêneros, mas a igualdade entre os diferentes gêneros porque quando a gente pensa gênero não é só homem ou mulher é isso aquilo, existe varias coisas relacionadas a gêneros da categoria [...] homossexualidade. Eu acho que tem um espaço muito legal pra essa galera quer dizer que fica como trans e ai, os quiins, os, essas outras siglas agora LGBTTTTTT (risos) uma sigla que contempla muito a própria questão da mulher o feminismo, que também tá muito forte, o debate hoje esta muito, muito, muito, muito atual né? Questões como o aborto, direito do corpo que são questões pratica da mulher. Então é um espaço que ta, ganhando, muita visibilidade atualmente (como Yasmin disse) nas mídias, na internet, eu acho que isso contribui muito pra a questão da igualdade de gênero.

Quando há esse tipo de debate é porque as mulheres não estão mais aceitando os papeis que lhes são impostos, estão buscando novos horizontes da mesma forma, com os grupos LGBTs, numa sociedade em que eles eram considerados pessoas doentes, apesar do preconceito que essas pessoas ainda sofrem, podemos dizer que houve avanços também, como por exemplo, o direito de adoção, o casamento com pessoas do mesmo sexo etc. Da mesma forma quando perguntado a Yasmim, ela afirma que,

E isso vem ganhando muito espaço na mídia né? Que atualmente as novelas vem trabalhando bastante esse tema, e isso é muito importante porque existe gente que é contra porque esta romantizando o que é ser gay, tal, mais eu acho isso importante porque é aquelas pessoas que não tem muito, conhecimento sobre academia sobre a vida e tal que passa o dia na frente da televisão, mas qui ela consegue perceber, o que o objetivo seja esse e qui existe outras pessoas, outras identidades, e qui eles precisam entender todo processo histórico toda dessa pessoa durante a construção qui gay não é aquela coisa nojenta como aquelas pessoas se referem a isso ne? Na novela mostra toda uma construção sobre a identidade, sobre, por exemplo, um casal gay que esta se conhecendo e começa toda uma historia de amor, aquele negocio voltado a sexo e que é uma coisa nojenta.

As pessoas precisam entender que os homossexuais fazem parte da nossa sociedade e devem ter os mesmos direitos que o heterossexuais, ou seja, podem andar de mãos dadas com outra pessoa do mesmo sexo, sem que isso possa ocasionar o preconceito ou ódio de pessoas homofóbicas. Quando esse assunto é discutido na mídia, está de certa forma mostrando que eles têm os mesmos direitos que os héteros de se relacionar com quem eles quiserem, sem que isso possa ocasionar o preconceito. Apesar disso, é importante ressaltar que boa parte da programação da mídia é homofóbica.

Quando perguntado o que é gênero Paulo afirma,

Gênero é uma coisa louca, (risos) é gênero é uma construção, que diz muito sobre o que eu sou, como eu me sinto né? falar sobre gênero é, não aceitar as categoria imposta da sociedade, que você é homem que você tem esse papel dentro da sociedade, porque você é mulher você tem esse papel dentro da sociedade, você tem que agir assim, assim, assim, assim como se fosse um bonequinho, acho qui trazer gênero hoje em dia, é falar sobre várias outras pessoas, várias outras realidades que historicamente foram excluídas, enquanto da moral dos costumes da sociedade, porque falar sobre gênero sempre foi, e de certa forma ainda é, um tabu como a gente já apresentou aqui várias questões né? porque se não, é uma coisa errada, uma coisa que vai levar você pra um mal caminho, e uma coisa que vai deturpar sua imagem, qui, se o menino falar sobre gênero o menino vai ser gay, trazer gênero na escola, é porque a escola não presta tá fazendo com as pessoas acreditem que elas acreditem que elas vão virar gays ou lésbicas, ou putas, e ai gênero é um, um debate que traz todas essas questões sobre pessoas que foram escondidas historicamente.

Gênero não é você aceitar tudo o que a sociedade lhe impõe, por você ser do sexo masculino ou feminino. Gênero é justamente quebrar essas desigualdades, esses papéis referentes a cada gênero, que diz o que cada um deve fazer na sociedade, como por exemplo, quando uma criança ganha uma casinha ou o menino ganha um carrinho, a menina é pra ser dona de casa, o menino pra ser motorista. São desigualdades de gênero que precisam ser desconstruídas na sociedade. Ao contrário do que algumas pessoas pensam, que gênero é uma coisa ruim, que vai ensinar menino a ser gay, na verdade gênero vai ensinar que meninos e meninas devem exercer as mesmas atividades e que isso não vai interferir na sexualidade de cada um. Como afirma Yasmim,

Gênero, é, uma construção social seja, aquela qui, refere se ao que a sociedade diz, ou seja, aquela, daquelas pessoas que si impõe ao que a sociedade diz, então gênero é uma construção, da mente de

cada uma das pessoas qui, criam a partir de suas vivencias de suas identidades.

Ou seja, é uma construção social, no qual a sociedade cria meninos e meninas de forma desigual, a menina pra ser sensível e dona de casa, o menino ser corajoso, fortes etc. Quando chega na escola meninas e meninos brincam separados e de brincadeiras oposta, reforçando a desigualdade construída socialmente e que permanece ate os dias atuais nas aulas de educação física, como afirma Yasmim, “Outro detalhe que eu observei muito na escola eram nas aulas de educação física que era sempre futebol pros meninos e handebol pras meninas”. São diferenças que precisam ser questionadas/desconstruída principalmente dentro da escola.

Ainda relacionada a indagação, o que é gênero Kemilly afirma,

Gênero é uma construção, social do que é ser mulher na sociedade, por exemplo, uma construção do papel que deve ser a mulher que o homem deve ser, da construção da masculinidade e a construção da feminilidade na sociedade eu sou contra, estou lutando prá, isso aí eu tento desmistificar, na verdade eu tento desmistificar, isso desde dentro de casa entendeu? em relação ao meu pai e minha mãe[...] Tipo desde de criança quando eu morava em outro cidade em são Paulo por exemplo, desde criança né? você tá começando a crescer, a entender mais as coisas você sempre ver né? o pai que sai pra trabalhar, o pai que é o dono do lar, e a mãe, que fica em casa no meu caso minha mãe nunca foi de ficar em casa ela sempre trabalhou então no meu caso os dois sempre trabalharam, mas sempre existiu aquela coisa do pai ser o dono do lar, dele, ter, dele ter, através dele ter qui ter a ordem, né? daquela coisa da criança do filho ir atrás da mãe pra pedir alguma coisa não! pergunte a seu pai, então eu sempre me questionei isso desde pequena porque eu vou perguntar pro meu pai se você é minha mãe né? concorda né? porque tem que ser através da palavra do meu pai, o dele é uma ordem maior? Entendeu? Eu sempre percebia isso essa, essa questão desde pequena, mais era uma coisa que eu ficava calada né? abafando, mas sempre eu observei, mas eu sempre observei também a submissão que minha mãe sempre teve em relação ao meu pai sempre[...] enfim eu tento trabalhar isso dentro de casa, de vez em quanto eu converso com a minha mãe e falo também alguma coisa né? e percebo um pouquinho da mudança, da atitude dela no dia a dia, através do que eu falei pra ela e é uma coisa que eu levo pra minha vida[...].

Isso é mais comum do que se imagina, a submissão da mulher em relação ao homem, a dupla jornada de trabalho da mulher, apesar dela ser independente do homem, trabalhar fora de casa, mas ela ainda se sente inferior ao homem quando ela não exerce a sua autoridade sobre a criança, quando ela deixa que o pai dê a palavra final, e hoje ainda tem muito disso.

Ao analisarmos as entrevistas percebemos que a desigualdades de gênero está presente das mais variadas formas dentro da escola, assim como na sociedade onde ela é reproduzida. Mas, como essas desigualdades são socialmente construídas, então enfrentamentos devem ser realizados, a fim de se construir novas relações de gênero, envolvendo toda a sociedade, já que é na sociedade, nas famílias e no Estado que essas desigualdades são produzidas e por isso precisam ser questionadas. Nesse sentido, acreditamos que isso pode ser um ponto de pauta que o Curso de Ciências Sociais deve repensar na sua formação, tendo em vista ampliar e aprofundar a sua contribuição.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto nesse trabalho sobre as desigualdades entre homens e mulheres na nossa sociedade, que foi a muito tempo justificado pela biologia, mas que na verdade essa desigualdade é social e começa desde a socialização primária ensinada pelos seus pais e familiares, reforçado na socialização secundária dentro das escolas, essa é a nossa realidade.

O problema é que essa realidade separa homens e mulheres e que eles nem sempre podem compartilhar das mesmas coisas, sendo que as mulheres menos ainda, ela está o tempo todo em vigilância constante, como, por exemplo, o número de namorados, como se vestir e as profissões a desempenhar, quais lugares frequentarem e em que horários etc.

Mediante essas desigualdades, os resultados da pesquisa mostraram que a desigualdade de gênero não está presente apenas na sociedade, mas dentro das escolas também das mais variadas formas, seja nas atividades das aulas de educação física ou até mesma nos comportamentos entre homens e mulheres.

Da mesma forma podemos perceber, nas dependências da escola ou na própria linguagem quando se faz referência apenas masculina como, por exemplo, sala dos professores, reuniões dos pais etc. Assim como na sociedade, câmara de vereadores, deputados etc. são ambientes diferentes, mas que se entrelaçam quando o assunto é desigualdade de gênero.

Por isso, é de suma importância o debate sobre a temática de gênero não só dentro da sala de aula ou nas dependências da escola, mas que vá, além disso, seja aberto para toda comunidade tendo em vista que a escola é geralmente o “espelho” da sociedade, embora reconheçamos seu potencial transformador, e não basta só a escola fazer seu papel quebrando esses preconceitos se na sociedade ainda permanecer naturalizado.

Mas, para isso em primeiro lugar o professor precisa estar preparado, haja vista que as desigualdades são reforçadas dentro da escola seja na própria aula de educação física quando os professores são apenas do sexo masculino, e mais que isso, quando a atividade é diferenciada para ambos os sexos como, por exemplo, meninos brincam de futebol e meninas de vôlei.

Essa é uma realidade bastante comum nas nossas escolas, mas que aos poucos está sendo inserido o debate sobre essa desigualdade já que todos os entrevistados relataram ter trabalhado a temática de gênero das mais variadas formas na oportunidade que tiveram enquanto bolsistas do PIBID.

Todos os entrevistados relataram ter participado de projetos que abordavam a temática de gênero durante o curso de Ciências sociais. Mas apenas uma aluna relatou ter cursado uma disciplina sobre gênero durante o curso, por ser uma disciplina optativa nem todos optaram por essa disciplina o que poderia ser a chave para fechar todo o contexto de aprendizagem ao longo do curso sobre a temática em foco.

Portanto, de acordo com a fundamentação teórica e com as alunas entrevistadas e o aluno entrevistado o debate é uma forma imprescindível que se tem para enfrentar o problema da desigualdade de gênero, mas, porém o/a professor/a precisa está preparado academicamente haja vista que dentro da escola há uma diversidade e que precisa ser trabalhada dentro das suas diferenças.

Pois, a partir do momento que você trabalha essas diferenças mostrando que ser diferente é normal e que todos aqueles que não se enquadram no padrão considerado “normal” pela sociedade merecem o respeito dos considerados normais, além de terem as mesmas oportunidades dos ditos “normais”, independentemente da cor, classe social, religião etc.

Enfim, de acordo com as entrevistas realizadas, a formação que é desenvolvida no curso de Ciências Sociais oportuniza aos educandos e educandos algumas experiências importantes relacionadas à questão de gênero, principalmente nos projetos e grupos de estudos e pesquisas que o curso dispõe. As próprias pessoas entrevistadas relataram ter participado de um ou mais de um grupo sobre a temática de gênero.

Entretanto, é importante destacar que o curso de Ciências Sociais contempla em seu currículo a disciplina de gênero e sexualidade como disciplina optativa que é um ponto negativo, já que nem todos optam por ser optativa o que deveria ser obrigatória já que estão formando professores e como foi mencionado nas entrevistas a desigualdade de gênero está presente dentro das escolas das mais variadas formas, e para questionar, debater, com os alunos o Professor precisa está preparado e uma disciplina optativa não contempla a todos.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Andreza de Oliveira. A educação que se pergunta pelo corpo: Debatendo gênero, sexualidade e homofobia na escola. In. **Rumos dos estudos de gênero e de sexualidades na agenda contemporânea** – Campina Grande: EDUEPB, 2013.

BRASIL. Casa Civil. Lei Nº 11.340. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)>. Acesso em: 14/08/2017.

BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Secretaria Especial de Políticas de Igualdade Racial. Ministério da Educação. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Gênero, sexualidade e corpo**. / Adriane Oliveira Garcia Gonçalves, et al. Org. Eliane Martins de Freitas, Fabiana Jordão Martinez, Lilian Marta Grisolio Mendes. – Goiânia : UFG/CIAR; Gráfica UFG; 2014.

**BRASIL. Presidência da República. Lei n.11.340, de 07 de agosto, Lei Maria da Penha.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)>. Acessado em 25/09/2016.

BRASIL. Retratos da Escola / Escola de Formação da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (esforce). **Diversidade na escola: gênero e sexualidade**. V.9, n.16, jan./jun. 2015. – Brasília: CNTE, 2007 – semestral.

DIGIOVANNI, Alayde Maria Pinto, AMARAL, Wagner Roberto, et, al, **diretrizes curriculares de gênero e diversidade sexual da secretaria de estado da educação do paraná**, Curitiba – Pr 2010. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/dce\\_diversidade.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/dce_diversidade.pdf) >Acessado em 06/04/17

FARIA, N.; NOBRE, M. (Org.). **Gênero e desigualdade. Cadernos Sempre Viva: Texto para ação feminista**, São Paulo, SOF, 1997.

FELIPE, Jane, **Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas**. Pro-Posições, v. 18, n. 2 (53) - maio/ago. 2007. Disponível em <[periodicos.sbu.uniCAMP.br/ojs/.../864354...](http://periodicos.sbu.uniCAMP.br/ojs/.../864354...)>. Acesso em 13/02/17

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa Social**. 6. ed. -5. reimpr.- São Paulo, Atlas, 2012.

HEERDT, Mauri Luiz, Coppi. Paulo de. **Como Educar Hoje? reflexões e propostas para uma educação integral**. São Paulo: Mundo e Missão, 2003.

LIMA, José Rosamilton de **o desafio da escola em trabalhar com a diversidade**. Disponível em: < <file:///C:/Users/fabia/Downloads/Dialnet-ODesafioDaEscolaEmTrabalharComADiversidade-4798976.pdf>>. Acesso em: 06/03/17

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1997 .

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LOURO, G.L. **O currículo e as diferenças sexuais e de gênero**. In: COSTA, M.V. (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 85-92.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em Saúde**. 12.ed.São Paulo: Hucitec, 2010.

MOREIRA, Antônio Flávio, CANDAU, Vera Maria, **Multiculturalismo : Diferenças culturais e práticas pedagógicas**, (orgs.). 2. ed. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

NOGUEIRA, Juliana Keller, et al, **Conceitos de gênero, etnia e raça: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar**, Florianópolis, 2008.

OLIVEIRA, Bruna Silvestre, **gênero e educação: a diversidade sexual no contexto escolar**, Sumé, UFCG, 2015.

OLIVEIRA, **Glaucia Fontes de. Violência de gênero e a lei Maria da Penha**. Conteúdo Jurídico, Brasília-DF: 06 out. 2010. Disponível em: <<http://www.oabsp.org.br/subs/santoanastacio/institucional/artigos/violencia-de-genero-e-a-lei-maria-da-penha>>. Acesso em 06 dez 2016.

PINSKY, Jaime, Carla Bassanezi (Orgs.). **história da cidadania**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

RABELO, Amanda Oliveira, MARTINS, Antônio Maria. **A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério**, 2003. Disponível em: <<http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/556AmandaO.Rabelo.pdf>>. Acessado em 17/06/17.

ROSEMBREG, FÚLVIA e AMADO, Tina, **Mulheres na Escola**, cad. Pesq. São Paulo, n.80, p.62-74, fev. 1992.

ROSSI, VILARONGA. et al. **gênero e diversidade na escola: reflexões acerca da formação continuada sobre assuntos da diversidade sexual**. Editora Unijuí ano 27 n<sup>o</sup> 88 Jul./Dez. Disponível em:<<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/365> >. Acessado em 06/04/17

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

SANTOS, Ivone Aparecida, **educação para a diversidade: uma prática a ser construída na Educação Básica**. U E N P, Cornélio Procópio, Paraná, 2008.

SANTOS, Rosângela da **Historia de Vida de Mulheres em Situação de Violência**, Sumé, UFCG, 2013.

SANTOS, Silvana Mara de Moraes, OLIVEIRA, Leidiane, **Igualdade nas relações de gênero na sociedade da capital: limites, contradições e avanços** Rev. Katál. Florianópolis v. 13 n. 1 p. 11-19 jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v13n1/02.pdf> >. Acessado em 06/04/17.

SEVERINO, A. J. de. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, Viviane Teixeira. In: Paraná - **Diretrizes Curriculares de Gênero e Diversidade Sexual**. Secretaria de Estado da Educação do Paraná – Versão preliminar, 2010.

**APÊNDICES A - ROTEIRO PARA CONDUÇÃO  
DE ENTREVISTA**

## ROTEIRO PARA CONDUÇÃO DE ENTREVISTA

01. Idade?

02. Na tua opinião existe um tratamento diferenciado nos diversos âmbitos sociais com relação aos homens e as mulheres? Se sim, você poderia explicar como essa diferenciação é construída e/ou reproduzida na sociedade?

03. A partir da tua experiência escolar, assim como as experiências vivenciadas no PIBID, nas disciplinas de estágio ou noutras atividades acadêmicas relacionadas ao espaço escolar, é possível identificar situações de preconceito e discriminação de gênero dentro da escola? Se sim, você pode comentar a respeito?

04. Levando-se em conta a sua participação no PIBID, nas disciplinas de estágio ou em outras atividades acadêmicas, como a Escola poderia lidar com as questões de gênero?

05. Você acha que as questões relacionadas a gênero deveriam ser trabalhadas na escola? Se sim, por quê? E como deveriam ser abordadas? Considerando a realidade social que temos hoje, que conteúdos deveriam ser tratados?

06. Para quem participou do PIBID: A temática de gênero foi incluída no trabalho realizado durante a sua experiência no PIBID? Se sim, os alunos das escolas participaram dessas discussões? Você pode comentar a respeito disso?

07. Considerando a prática docente, você se sente preparado/a profissionalmente para discorrer sobre as desigualdades de gênero na sala de aula? Se não, quais as dificuldades?

08. Você acha possível que o preconceito de gênero seja enfrentado no ambiente escolar? Se sim, você pode identificar alguma atividade educativa que possa questionar/problematizar e contribuir com o enfrentamento acerca do preconceito de gênero dentro da Escola? Se sim, qual?

09. Durante sua formação acadêmica no curso de Ciências Sociais, você cursou alguma disciplina ou participou de algum projeto ou atividade que abordava a temática de gênero? Se sim, você pode comentar a respeito?

10. A formação que é desenvolvida no Curso de Ciências Sociais (CDSA/UFCG) contempla ou atende satisfatoriamente a temática de gênero?

11. A desigualdade de gênero é um fenômeno que vem ganhando destaque nas discussões que vem se realizando tanto na academia, como noutros espaços. Em sua opinião podemos perceber avanços rumo a igualdade de gênero? Quais?

12. O que é gênero pra você?

**APÊNDICES B – TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO**

## TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada/o entrevistanda/o,

Eu, Fábيا Bezerra Ribeiro, graduanda no curso de Licenciatura Plena em Ciências Sociais no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), pretendo desenvolver uma pesquisa com 03 alunos do 8º período do curso de Ciências Sociais CDSA/UFCG, que estão matriculados no TCC, para a minha pesquisa monográfica, cujo título é: **Gênero na escola: uma pauta necessária e um desafio na formação de alunas e alunos do curso de Licenciatura em Ciências Sociais do CDSA/UFCG**. O trabalho monográfico em questão está sendo orientado pelo Prof. Dr. Isaac Alexandre da Silva e do Co-Orientado pelo Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.

Os motivos que nos levam a estudar o assunto são os múltiplos casos de preconceito de gênero existentes nos diversos âmbitos da sociedade, reproduzidos por meio de discursos e de práticas, nem sempre problematizados, demandando, portanto, pesquisas que contribuam com o enfrentamento dessa questão. Nesse sentido, optamos pelo âmbito escolar, já que é um espaço por meio do qual os preconceitos e as discriminações de gênero são tão evidentes, embora saibamos que os sujeitos da pesquisa ainda estão em processo de formação. Os dados serão coletados mediante utilização de um roteiro de entrevista, semiaberto, contendo 12 (doze) perguntas.

Informamos que será garantido o direito ao anonimato e assegurado sua privacidade. Você será livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária, não irá acarretar qualquer dano nem custo para você. Esclarecemos que não será disponível nenhuma compensação financeira e que os dados contidos nesta investigação, além do registro no TCC, serão divulgados possivelmente em eventos científicos da categoria e em periódicos.

Diante do exposto reitero minha responsabilidade no referido estudo, através da assinatura abaixo.

\_\_\_\_\_  
 Graduanda: Fábيا Bezerra Ribeiro  
 Curso de Licenciatura em Ciências Sociais – CDSA/UFCG

### **Consentimento do voluntário.**

Declaro que fui devidamente esclarecido (a) e admito que revisei totalmente e entendi o conteúdo deste termo de consentimento.

Eu, \_\_\_\_\_, aceito participar desta pesquisa desde que assegurado o anonimato. De minha parte o faço de livre e espontânea vontade, não tendo sido forçado(a) ou coagido(a) para tal, e ciente de que os dados serão usados pela responsável pela pesquisa com propósitos científicos. Estou ciente também que receberei uma cópia deste documento.

SUMÉ, de agosto de 2017

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do participante

Nome e endereço da pesquisadora: Fábيا Bezerra Ribeiro – Sítio Caxingó, 01.  
Congo/PB CEP: 58535-000 E-mail: fabiabzr@gmail.com

Nome e endereço do orientador: Isaac Alexandre da Silva – Rua. Marcos Albino  
Rafael, 156. Valentina – João Pessoa/PB CEP: 58.065.156. E-mail:  
isaac2015isaac@yahoo.com.br